



Gafuçu

Uma sátira de carnaval

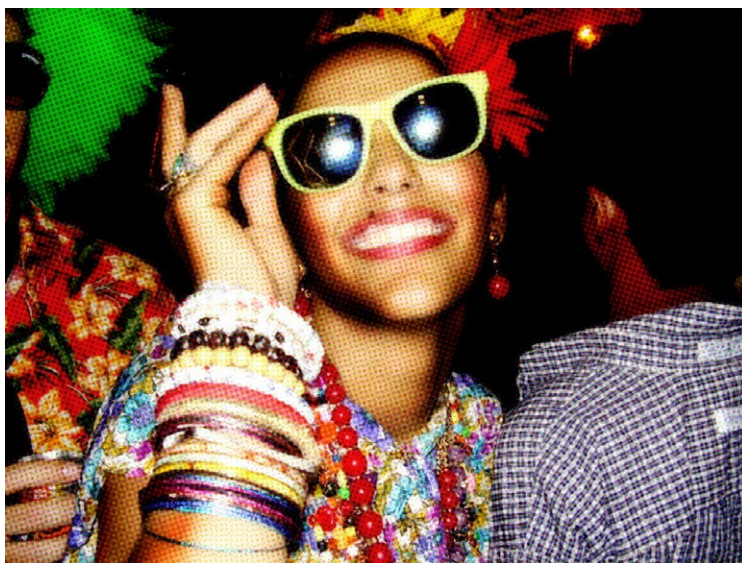
Henrique Magalhães



Henrique Magalhães

Cafuçu

Uma sátira de carnaval



Marca de Fantasia
Parahyba, 2022 - 2a edição

Tafuçu

Uma sátira de carnaval

Henrique Magalhães

Série Veredas, 22. 2022. 2a edição. 122p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães
Foto da capa editada por Renata Carneiro.

Todas as fotos e ilustrações são de Henrique Magalhães,
exceto as creditadas.

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nilton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Vieira - UFPB
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-82-9

Sumário

Apresentação: Uma prévia ao Cafuçu	5
1. Um nome, tantas subjetivações	15
2. Mutações de um bloco de carnaval	20
Cultura de massa. Concentração e arrasto	
3. Outras manifestações Cafuçu	34
Cafucin. O Baile. Santo Antônio do Cafuçu. Gafieira do Cafuçu e Jackson do Pandeiro. Feijoada do Cafuçu. No flagra	
4. Coisas do Cafuçu	45
Força por trás. A sede. Estandartes: arte em movimento. Volantes. Cafuçu em quadrinhos. Boneca Adalice. O hino do bloco. Cafuceta. As 10+ do Cafuçu. Rádica Cafuçu. Corrinha ri. Gente que faz	
5. E vamos cair no passo	75
6. Uma revisão necessária: de bloco de arrasto a festa popular	86
A última folia de rua	
7. As perdas irreparáveis	95
Referências	101
Apêndice. Bem na foto	105



Apresentação

Uma prévia do Cafuçu

Ao contrário do carnaval veneziano, com seu desfile de máscaras silenciosas e solitárias, o carnaval brasileiro explode numa efusiva e ruidosa festa popular, transbordando alegria em cada recanto do país. Para o teatrólogo Paulo Vieira, nosso carnaval é, precisamente, uma celebração, uma orgia à vida, uma festa governada por um Rei Momo, na qual os seus súditos se espalham pelas ruas das cidades brasileiras durante três dias de libações e desinibições.

Carnaval, festa de momo. Em verdade, festa do teatro. A origem da palavra “momo” está relacionada a pequenas farsas populares do teatro antigo, assim como ao ator que representava nessas farsas. Durante o carnaval, o ator é o folião que constrói com a sua fantasia o seu próprio espetáculo, sem que haja texto nem ação definida, nem outra qualquer intenção que não seja divertir-se e fazer rir (VIEIRA, 2001).

Paulo Vieira afirma que, herdeiro de uma tradição pagã que se perde no registro do tempo, o carnaval brasileiro talvez seja o único a manter os princípios socialmente transgressores que deram origem à festa. Festa espetacular, o carnaval brasileiro talvez seja a grande celebração universal do teatro, quando o povo sai às ruas, reunido em blocos (grupos de foliões que de alguma forma criam para si uma identidade), em escolas de samba, em tribos indígenas, em grupos musicais, sob um sol abrasador de verão, mantendo acesa a chama de um rito pagão que, antes de tudo, celebra, isto sim, o prazer do existir, o ser antes do nada (VIEIRA, 2001).

No artigo “O mundo pelo avesso”, publicado no livro *Carnaval: cortejos e improvisos*, de Maria Alice Amorim e Roberto Benjamin, esse renomado pesquisador da Folkcomunicação afirma que no carnaval a ruptura da ordem social vai dar lugar a manifestações de fuga das situações do cotidiano:

(...) Seria um equívoco, porém, tomar todas as transfigurações carnavalescas como manifestações de pura alienação. Na verdade, a oportunidade de ter o mundo pelo avesso é o momento propício, também, para a crítica política e social, expressa através de manifestações satíricas, da dessacralização das pessoas e coisas da religião, do poder político e do poder econômico (AMORIM; BENJAMIN, 2002, p. 26).

O carnaval, pela magnitude, expressividade, diversidade e participação popular que alcançou no país já se tornou uma festa brasileira, de tão impregnada e representativa do espírito festivo de nosso povo. Durante os festejos de momo, espalham-se por todo canto grupos de amigos que formam pequenos blocos ou agremiações profissionais que levam multidões às ruas e avenidas de pequenas e grandes cidades. Caem na folia desde escolas de samba – que em algumas capitais ganharam até um espaço exclusivo para apresentação, os “sambódromos” – a troças, cujo caráter lúdico e anárquico não precisa mais que o desejo de reunir os amigos para uma boa farra, embalada por uma batucada e litros de bebida.

Há também o mela-mela, o corso, os bailes em clubes sociais da elite e os populares, realizados pela oficialidade nas praças e largos. Ganham as ruas, ainda, os clubes de frevo com suas orquestras, tribos indígenas, maracatus, ursos, blocos de sujo, blocos do “eu sozinho”,

os travestidos, trios elétricos movidos a axé *music*, afoxés e blocos de arrasto, esses que levam a massa de foliões de forma livre, gratuita e democrática. Tantas expressões carnavalescas e estamos longe de enumerar as formas espirituosas com que cada folião incorpora para brincar seu carnaval, reinventando em cada gesto uma festa cuja origem se perde no tempo, sem limite para a criatividade e a efusão.

Se o carnaval ganhou esse contorno múltiplo e grandioso no país, é certo que há algumas décadas é que ele teve seu ponto de inflexão, profissionalizando-se e ganhando uma estrutura mais condizente com a grande expectativa popular. O carnaval sempre foi uma festa de todos, seja na irreverência do estruço na época da colonização, seja na sua domesticação, ao sair da forma desregrada do povo nas ruas para os salões sociais. De todo modo, essas manifestações díspares do espírito carnavalesco ocorreram em paralelo, numa dicotomia elitista/popular que não tinha um ponto claro de interseção.

Não há muitos registros sobre a história do carnaval na Paraíba, que teve grande efervescência no início do século 20. Nesse período se tinha um marcante carnaval de rua, um carnaval popular que fazia jus ao espírito fanfarrão propiciado pela liberdade contextualizada pelo reinado de Momo. O incansável folião e ativista cultural Wills Leal foi, talvez, o único a encetar um virtuoso resgate da memória do carnaval paraibano por intermédio do livro *No tempo do lança-perfume*, em que ressalta os momentos mais importantes dos festejos carnavalescos do século passado, com ampla e rica cobertura fotográfica.

Em 2010, ao completar 50 anos de idade, o jornalista Fernando Moura, incentivado por amigos e familiares, lançou o livro *Cinquenta Carnavais*, reunindo depoimentos de mais de 50 foliões que relatam suas vivências antigas e atuais relativas aos festejos de Momo. O livro

é uma preciosidade, um álbum de memórias, um relicário de fantasias e emoções, formando um amplo painel das expressões mais subjetivas sobre nosso carnaval.

Wills Leal reconhece o esforço do bloco Muriçocas do Miramar – o maior e mais renomado da retomada do carnaval popular paraibano a partir da década de 1980 – em homenagear os muitos e esquecidos protagonistas de nosso antigo carnaval. A homenagem ao major Ciraulo, como afirma, não poderia ser mais oportuna. Outros nomes importantes esperam para ter a mesma honraria, a exemplo de Seu Oliver, dos fundadores do bloco “Camisa Listada”, do eterno folião João Albuquerque, da turma do “Serra Bóia”, do “Esquadrilha V”, dos “Piratas”, dos inesquecíveis “Dona Emília” e “Bohêmios Brasileiros”, de Genival Macedo e Livardo Alves (LEAL, 2000, p. 12).

Esses foliões e blocos são retratados no livro de Wills, que apresenta de forma apaixonada, como partícipe da história, os momentos de glória e declínio de nosso carnaval. No final do livro, o autor faz uma breve introdução a um fenômeno que mudaria completamente a relação da cidade com o carnaval: o surgimento dos blocos de arrasto no final da década de 1980 e a criação da Associação Folia de Rua.

A história do carnaval paraibano começa a mudar a partir dos anos 1970, primeiro para uma completa desarticulação e quase extinção, em seguida para uma reconstrução sob novos parâmetros, tomando os rumos do carnaval que se estabelecia em todo o território nacional. Nesse período, a crise do petróleo minou não só o dito “milagre econômico” dos governos militares como impossibilitou a realização do curso, que era algo mais próximo de um carnaval popular.

O curso era o desfile de carros abertos levando charangas, eventualmente trazendo alegorias com temas carnavalescos. De uma brincadeira

com música, confete, serpentina e lança-perfume na primeira metade do século 20, o curso já vinha degenerando em uma espécie de entrudo retardatário ao incorporar o mela-mela, trocando esses elementos singelos da folia por água, lama, pó de serra, graxa, talco, farinha e o que mais se pudesse usar para atingir de forma grotesca os foliões.

O povo ia ao curso para ver a brincadeira mais como espectador que como folião. O mesmo se pode dizer do Carnaval Tradição, que continua ainda hoje em sua resistência cultural histórica. O que se chama de Carnaval Tradição é o que é feito por grupos centrados em núcleos familiares e populares que organizam escolas de samba, tribos indígenas, troças e orquestras de frevo. Essas agremiações desfilam nos dias de carnaval por uma passarela, entre arquibancadas montadas pela prefeitura para sua exibição. São milhares de pessoas que participam desses folguedos, mas outros milhares contentam-se em assistir à festa, torcendo por seu grupo favorito.

Sem dúvida, o Carnaval Tradição é um carnaval popular, mas não se caracteriza como um carnaval de massa. Por ser tão popular acaba gerando uma reação injustificável de desprezo de boa parte da população, que não se identifica com os que fazem as agremiações, muito menos com esse tipo de carnaval “espetáculo”.

Para essa população que ia à rua para, de algum modo, participar do carnaval, o fim do curso representou o vazio, que levou a uma profunda apatia. O carnaval praticamente acabou na cidade, salvo por algumas pequenas manifestações isoladas de troças que saíam pelas casas dos amigos, desarticuladas pela falta de um circuito programado, que era a característica do curso.

Aos incontornáveis foliões, sobretudo os mais jovens, restavam os bailes nos salões dos clubes sociais, já em franca decadência, ou partir

para “outras praias”. Muitos deixavam a cidade para praticar o camping selvagem e brincar nos carnavais “malamanhados” nas praias de Jacumã, no Conde, em Lucena e Baía da Traição. Outros buscavam satisfazer seu espírito carnavalesco nas cidades que tinham essa festa popular consolidada, como Recife, Olinda e Salvador. A capital paraibana tornou-se, então, uma cidade dormitório, um grande sítio para o repouso dos outrora empertigados foliões.

No livro *Cinquenta Carnavais*, Fernando Moura reforça que “a quietude só seria interrompida por solitários papangus, alauras, troças e bicicletas enfeitadas, as ‘lapinhas’, com suas engenhocas de lata e reverberando contínuos sons provocados pelo atrito entre cordão e breu. O Carnaval Tradição embora autêntico e resistente, atraía apenas uma pequena parcela da população” (MOURA, 2010, p. 26).

Há que se registrar que em 1981 Wills Leal, após desfilar na Banda de Ipanema, no Rio de Janeiro, tentou um simulacro ao famoso e irreverente bloco carioca criando a Banda de Tambaú para animar o carnaval da cidade. Curiosamente, a Banda de Tambaú não tinha banda, constituía-se num tipo de brincadeira de mela-mela e muita bebida, tendo como base algum bar da orla. Apesar dessa limitação fundamental, a Banda de Tambaú marcou uma época: “apresentou em João Pessoa o primeiro trio elétrico, fez durante seis anos a escolha de sua Rainha, criou condições para, anos após, o Carnaval se fixar na praia” (LEAL, 2000, p. 103).

Wills reivindica para a Banda de Tambaú o título de precursora das transformações por que passaria o carnaval da capital. O último desfile da Banda de Tambaú aconteceu em 1991, com a apresentação de um carro alegórico referente à Guerra do Golfo. Nesse momento, começavam a ganhar fôlego as prévias carnavalescas da cidade, que viriam a se organizar no Projeto Folia de Rua.

Contudo, a história de nosso carnaval começa a mudar mesmo em meados da década de 1980. Como afirma Fernando Moura, a “reinvenção” do carnaval, sem que ninguém atentasse a isso, ocorreria em 1986, quando um pequeno grupo de amigos, a pretexto de comemorar um aniversário infantil, numa quarta-feira que antecede o carnaval, resolve percorrer algumas ruas do bucólico bairro de Miramar. Munidos de latas, apitos, panelas e outros improvisados instrumentos, quebrando a monotonia institucionalizada, deram origem a um fenômeno que se tornaria, nos anos seguintes, parte da cultura local.

Em 1987, já com nome, hino, estandarte, dia próprio (‘Quarta-Feira de Fogo’) e o cordão engrossado por outros rebeldes com causa, o Grêmio Recreativo Lítero-Musical Muriçocas do Miramar abriria asas para alçar um voo inimaginável até então, servindo de inspiração para o surgimento de inúmeros outros blocos de arrasto... (MOURA, 2010, p. 27).

Esse fenômeno chamado Muriçocas do Miramar, cuja origem singela acabou gerando o que hoje é considerado o segundo maior bloco de arrasto do país – alguns dizem do mundo, num rompante de vaidade e provincianismo –, seguindo a trilha do Galo da Madrugada, de Recife, sinalizou novas possibilidades criativas e organizacionais, sendo seguido por outros blocos, dentre eles o Cafuçu.

O Muriçocas do Miramar fez história e influenciou a forma como a cidade passou a brincar o carnaval. Contudo, apesar da mobilização da Associação Folia de Rua, que surgiu para aglutinar a força criativa do Muriçocas do Miramar e de outros blocos que vieram na sequência, a cidade passou a contar, então, apenas com as prévias e não com efetivamente o carnaval.

Temos, sem dúvida, uma semana pré-carnavalesca de tirar o fôlego, que começa com a abertura da Folia de Rua, na sexta-feira precedente e vai até o sábado de carnaval com o rufar dos últimos blocos e o entusiasmo dos foliões do Cafuçu varando a madrugada. Mas, ainda hoje, após o desfile do Muriçocas do Miramar e dos blocos da Associação Folia de Rua, a cidade continua pacata, dormente durante o período do reinado de Momo, sob o eco distante do Carnaval Tradição.



Encontro de estandartes na abertura da Folia de Rua. Início dos anos 1990

Inspirados no Muriçocas do Miramar surgiram vários blocos, a exemplo de Virgens, Urso Gay, Turma do Bobô, Imprensados, Filhos da Alegria, Picolé de Manga e Cafuçu, este a partir de 1990. Em 1992 o Cafuçu participa da criação do Projeto Folia de Rua, para dar organização às prévias e em 1996, com mais nove blocos, cria a Associação Folia de Rua, entidade representativa que impulsionou as prévias carnavalescas da cidade.

A fórmula dos blocos é quase invariavelmente a mesma: grandes trios elétricos com orquestras arrastando os foliões pelas ruas da cidade. Alguns tentaram seguir o padrão do carnaval de Salvador, com venda de mortalhas, ou abadás, para se brincar dentro de cordões de isolamento. Outros buscaram inspiração no carnaval pernambucano, onde a massa livre e espontânea segue as orquestras, sem amarras ou condicionantes.

Cada bloco construiu um perfil próprio, atraindo simpatizantes ou aqueles que brincam sob qualquer pretexto, ritmo ou motivação. De homens travestidos das Virgens aos jornalistas dos Imprensados, dos ecologistas do Boi do Bessa aos resistentes Maruins do Sanhauá, são polissêmicas as temáticas. Dentre tantos, surgiram Patotinha do Eraldo, Banho de Cheiro, Dixmantelados do Cristo, Bulachas, Arranha-Chão, Acorda Miramar, Muriçoquinhas do Miramar, Feras CA, Filhos da Alegria, Os Morcegos, Anjo Azul, Maluco Beleza, Confete e Serpentina, Baratas dos Bancários, Melhor Idade, Caju Maluco, Piabas, Bloco do Pinguim, Agitada Gang, Portadores da Folia, Virgens de Mangabeira, Comadre Florzinha, Elefante e Viúvas da Torre, além do irreverente Cafuçu.

A história do Cafuçu apresenta uma trajetória extraordinária. De pequeno agrupamento de amigos, numa brincadeira despretensiosa, o bloco transformou-se numa grande festa popular. Inicialmente saindo nas ruas do Cabo Branco e Tambaú, na contramão do percurso dos outros blocos mudou-se para o abandonado Centro Histórico, levando uma profusão de luz e alegria novamente às ruas onde se brincava os antigos carnavais. A grande empatia do povo com a proposta do bloco redimensionou o conceito de carnaval popular, transgredindo padrões culturais e sociais numa celebração do espírito carnavalesco marcado pelo desígnio de por o mundo pelo avesso.

Este livro traça os caminhos percorridos por esse original bloco de rua, suas mutações, derivações e impasses gerados por seu próprio crescimento. Os conceitos do termo e do bloco estão postos a seguir, numa tentativa de entender esse fenômeno de cultura popular que tem a sátira como motivação e força de expressão.



Jovens artistas e estudantes se concentram para organizar o Cafuçu. O bloco foi destaque na agenda *Veja 28 Graus*, suplemento da revista *Veja* no Nordeste, de 26 de fevereiro de 1992

Um nome, tantas subjetivações

Inicialmente o bloco Cafuçu denominou-se Unidos do Cafuçu, numa paródia ao nome da escola de samba carioca Unidos do Cabuçu. Pouco tempo depois passou a se chamar apenas Cafuçu, ganhando mais personalidade. A forma brincalhona do primeiro nome marcou tanto que eventualmente alguns articulistas da imprensa local ainda se referem ao bloco como Unidos do Cafuçu, mesmo sendo continuamente reiterados sobre a mudança.

Cafuçu é um termo oriundo da cultura popular para designar um sujeito ignorante, roceiro, mal arrumado, mal educado e asselvajado. Para o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, no Nordeste o cafuçu pode representar até mesmo a figura do diabo, sendo mais comumente associado ao indivíduo sem qualquer qualificação, sujeito preguiçoso e inútil, tipo deselegante, mal-ajambrado, que é atarracado ou tem algum defeito físico; em Goiás, cafuçu é o roceiro bronco, que vive e trabalha isolado e em condições precárias.

O Cafuçu tem evoluído, enquanto bloco e proposta cultural, com as contradições que engendram sua complexa conceituação. Ao contrário da significação extraída dos dicionários, o cafuçu não se resume ao homem do mato, sujeito desajeitado e roceiro. Os dirigentes do bloco se esforçam, de forma talvez vã, para encontrar uma imagem simbólica, mas abrangente, do cafuçu para que possa corporificá-lo. Num vislumbre otimista e buscando um consenso que parece imponderável, o

denominador comum do cafuçu só pode ser mesmo o povo brasileiro como um todo, representado pela mistura irremediável das raças.

À medida que a discussão se acirra interna e externamente ao bloco, algumas pistas vão se delineando. Da preocupação em não ser racista – o bloco tem representado o cafuçu quase sempre como um mulato, alertam alguns foliões – ao cuidado com a indiscriminação social, o cafuçu pode ser qualquer pessoa, o que importa são as atitudes, a maneira de encarar e de levar a vida.

Esses exercícios cognitivos levam à polissemia do termo, dando outros significados à definição oficial. Dessa forma, cada membro do bloco, cada folião, pode compor o tipo de cafuçu que mais lhe convier, inspirado pelo lado primitivo que existe no âmago de cada um. O cafuçu não se limita a uma raça ou status social, pode ser negro, branco, pardo ou mulato, rico, pobre ou remediado. O que sobressai no cafuçu é o caráter provinciano, conservador, ultrapassado. Identificamos o cafuçu nas atitudes preconceituosas e discriminatórias que incidem sobre a maneira de se comportar de cada indivíduo. Nada mais cafuçu que os mexericos e meter-se na vida alheia.

A visão tacanha da maioria dos brasileiros é o ponto comum que caracteriza os verdadeiros cafuçus, não importa a classe social. A ostentação de riqueza ou de inteligência (cultura enciclopédica) é ao mesmo tempo o álibi e a armadilha em que caem os cafuçus na tentativa ingênua de renegar um passado humilde e inculto. Por fazer uma crítica escrachada a esse ranço, atribui-se ao bloco um papel conscientizador, fazendo do humor e da alegria os instrumentos para a reflexão sobre o caráter nacional.

Essa característica apontada evidencia-se no exibicionismo dos filhos abastados da classe média, que abrem a mala de seus carros e des-

pejam toneladas de som – de preferência brega – na porta dos bares ou na calçada da praia, ligando no último volume um toca fitas – hoje um cd player ou mp3. A utilização de vidros fumê nas varandas dos edifícios atesta os hábitos extravagantes dos novos ricos, ou pseudo-burgueses remediados.

A esses conceitos acrescentamos um que nos parece um dos elementos mais retumbantes da personalidade do cafuçu: a verborragia intelectual. Cafuçu pra valer precisa compensar seu passado iletrado num consumismo exacerbado de tudo o que tenha o rótulo de “cultura”. Verdadeira enciclopédia ambulante, o cafuçu sai jorrando teorias no meio das conversas mais banais, com o intuito de destacar-se numa áurea de intelectualidade. Para ele, nada de falar de sexo ou de sacanagem, tudo tem que ser sério. É na mesa de bar que o cafuçu reorganiza a política do mundo, resolve os problemas nacionais e, quem sabe, os internacionais.



O cafuçu se revela nos detalhes, no modo de levar a vida. 2002

Mas ser cafuçu não é de todo pejorativo. Uma de suas grandes qualidades, ao menos num primeiro momento, é a amabilidade, a espontaneidade eloquente, engraçada e comovente. A amabilidade é, sem dúvida, um elemento essencial para a grandeza humana, que não poderia prescindir, claro, o cafuçu. Na hora H, um “cafuçu bom”, daqueles mais roceiros e asselvajados, é, para muita gente, melhor que um intelectual aburguesado e grilado. É o que se pode comprovar na pele com a sensualidade cativa do cafuçu, que brota farta na menor triscada.

O perfil popular do bloco Cafuçu é realçado pelo radialista e ator Osvaldo Travassos Sarinho, que traduz bem seu aspecto peculiar: “Hoje, me perdoe o bloco Muriçocas do Miramar, mas minha memória recente diz que o Cafuçu é o que Paulo Pontes um dia escreveu e Alarico Correia sintetizou no título de uma peça teatral, ‘a cara do povo do jeito que ela é’. Por isso não preciso nem me fantasiar, para assumir o Cafuçu que sou” (SARINHO, 2010, p. 115).

Vivendo uma permanente transição, onde a concepção do bloco é constantemente problematizada, os membros do Cafuçu esforçam-se por passar uma visão clara do que desejam, da função e do papel do bloco para que este não se restrinja à eventualidade do carnaval. Para o ator Buda Lira, e um dos organizadores do bloco, a definição de Cafuçu evolui do tipo “brega” que o caracterizou no início – vide a música que sintetizou o tipo: “cabelo com brilhantina, duas lapadas de pinga, pente no bolso, no corpo muita ginga...” – para uma definição mais ampla, que não se fixe num único tipo. Para ele, é preciso incentivar o imaginário das pessoas, para que elas vistam suas fantasias.

Antes de dar nome ao bloco, o termo cafuçu era empregado por um grupo de amigos pra brincar entre si, para gozar com a cara de quem queria ser mais do que era, de quem vivia de aparências. Era comum

ouvir o termo da boca de Adalice Costa, uma figura “inoxidável” e bastante conhecida na cidade, que já não se encontra entre nós. Foi com esse caráter irreverente e brincalhão que o bloco se propôs a satirizar aspectos pitorescos da cultura brasileira e popular, movido pelo espírito carnavalesco.



A irreverente do Cafuçu não poupa nem a religião.
Corrinha Mendes no carnaval de 2010

Mutações de um bloco de carnaval

Em 1990 um grupo de amigos e artistas da Paraíba reuniu-se para fundar o Cafuçu, bloco carnavalesco que tem no frevo sua essência e na fantasia sua expressão. Inspirado nos antigos blocos da cidade, o Cafuçu procura resgatar um carnaval popular e participativo, onde os foliões divertem-se em torno de pequenas orquestras e se deixam arrastar pelas ruas estreitas e enladeiradas do Centro Histórico da capital paraibana.

Artistas e personalidades que atuam no meio cultural da cidade já passaram pela organização do Cafuçu, a exemplo de Paulo Vieira, a família Costa – Adalice, Kennedy, Ana, Cacau e Ricardo –, Bertrand Lira, William Pinheiro, Torquato Joel, Carmelita Alvino, Márcio e Márcia Bezerra, Graça Souza, Nina Ramalho, Durval Leal, Tieta Nobre, Marcos Estrela, Mirian Panet, Cristina Evelize, Socorro Mendes, Ana Marinho, Heleno Bernardo, Augusto e Henrique Magalhães. Os incansáveis e renitentes Buda Lira e Marcelina Moraes continuam segurando o estandarte da alegria e encaram sem máscara o desafio de botar o bloco na rua.

Um ano antes de sua criação “oficial” o Cafuçu saíra informalmente como ala do bloco Muriçocas do Miramar. Com a evolução para bloco independente, começou a tomar contorno mais definido. Sua primeira concentração aconteceu na antiga sorveteria Beijo Gelado, no Cabo Branco, a duas quadras da Avenida Epitácio Pessoa, com desfile pela orla até o Largo da Gameleira, na divisa de Tambaú e Manaíra, puxado por trio elétrico patrocinado pela cervejaria Antartica.

Quando da formação da Associação Folia de Rua, o estilo predominante dos blocos tendia para o modelo do carnaval baiano, com grandes trios elétricos, *axé music* e traje padronizado. O Cafuçu, mesmo estimulando a liberdade criativa das fantasias, começou utilizando a força sedutora do trio elétrico, com o impacto visual e sonoro que lhe caracterizam.

Contudo, uma das raízes de nosso carnaval, sob a influência incontornável, pela proximidade, do carnaval de Recife, é a brincadeira espontânea, animada por marchinhas e frevos das orquestras. Um movimento dentro da Associação Folia de Rua tomou fôlego pela recuperação dessa memória carnavalesca, que também era nossa. Dada a dimensão de alguns blocos, a exemplo de Muriçocas de Miramar e Virgens, o trio elétrico foi definitivamente incorporado a sua formação, sem perder o caráter de resistência cultural nas trincheiras da música paraibana e do frevo.

O Cafuçu procurou construir sua história com transformação e ousadia. A cada ano era uma dificuldade colocar o bloco na rua, mesmo tendo o aporte da indústria de bebidas nos primeiros anos de atuação. Ainda na sorveteria Beijo Gelado, na praia do Cabo Branco, em função da escassez de apoio e apesar do número crescente de foliões, optou-se por animar o bloco com uma orquestra de frevo no chão, junto do povo, como nos velhos carnavais. A proposta foi aclamada pelos foliões e abraçada de imediato pelo maestro Chiquito, que transformou sua Metalúrgica Filipéia na orquestra Cafuceta.

Já nessa época, introduziu-se o retorno do bloco à concentração, após o desfile pelas ruas do Cabo Branco e Tambaú. Não valia mais a pena arrastar o bloco até o Largo da Gameleira, em Tambaú. Onde costumava haver uma estrutura com palco para show, possibilitando a sequência da folia, que entrava pelos quatro dias de carnaval, essa

iniciativa foi logo descartada pelo poder público, deixando o local apenas para a dispersão dos blocos. O Cafuçu introduziu, então, a volta ao ponto de concentração, esticando um pouco mais a brincadeira numa espécie de baile carnavalesco a céu aberto.

Em 1998 o bloco deu seu passo mais ousado e temeroso, deixou a beira-mar, espaço predileto da maioria dos blocos, para se embrenhar pelo esquecido e degradado Centro Histórico. Nova emoção tomava conta dos foliões, extasiados com a beleza arquitetônica da cidade velha, com seus becos e ladeiras. As raparigas da Rua da Areia a debruçar-se nas janelas, a mostrar-se nos umbrais dos decadentes cabarés, corriam surpresas e alegres para ver a multidão inusitada. A apoteose aconteceria na Praça Antenor Navarro, impulsionando a urgência da restauração do sítio. O Cafuçu dava, assim, sua parcela de contribuição para a revalorização da área.

Com o objetivo de reforçar o caráter de festa popular, o bloco dá ênfase à concentração, com uma decoração peculiar em plena rua, criando um ambiente de baile público. A festa é livre, aberta a todos, como sempre foi sua proposta. Esse ano a concentração ocorreu na Rua Duque de Caxias, em frente ao bar Sem Censura, que ficava ao lado da Academia Paraibana de Letras.

Para Buda Lira, “no Centro Histórico, concentramo-nos, inicialmente no primeiro quarteirão da Duque de Caxias, juntando os nossos duzentos a trezentos simpatizantes, dentre amigos e familiares. Isso numa sexta-feira anterior ao sábado gordo, quando muita gente boa subia ou descia pro interior, praias, Recife/Olinda, Rio ou Las Vegas” (Lira, 2010, p. 53).

O arrasto, no ano da mudança, foi puxado pela orquestra do maestro Vilô, percorreu a Rua Duque de Caxias, a Peregrino de Carvalho, desceu

a Rua da Areia e culminou na Praça Antenor Navarro, no Varadouro, onde esperava o show da banda Longa Metragem, que deu continuidade à festa. A saída do bloco com a orquestra no chão foi também uma opção estratégica. Isto proporciona maior proximidade com os músicos, privilegiando os contatos pessoais e a confraternização dos foliões.

O êxito da mudança foi maior que a expectativa, o que obrigou o bloco a buscar um espaço que atendesse à crescente afluência de foliões. Logo a concentração transferiu-se para a Praça Dom Adauto (chamada Praça do Bispo), onde estabeleceria uma história de sucesso pelos anos seguintes. Buda Lira lembra que o deslocamento do bloco aconteceu também porque o bar que deu apoio ao Cafuçu na Rua Duque de Caxias se transferiu para uma casa na Praça Dom Adauto, onde posteriormente funcionou a notória boate Vogue. O novo percurso do desfile seguiu pela Avenida General Osório, após o arrocho ao passar pelo beco si-



Praça Dom Adauto ocupada pela multidão de cafuços. 2004

tuado ao lado da Basílica de Nossa Senhora das Neves, desceu a Rua da Areia até chegar na Praça Antenor Navarro. “Portanto, mudança e tradição não é novidade pro Cafuçu” (Lira, 2010, p. 53).

Essas mudanças foram passos arriscados, mas de uma clarividência que muitos achavam improvável. O Centro da cidade combina com o espírito “cafuçu”. Suas ruas estreitas, escuras, cheias de ladeiras e histórias são o cenário ideal para o tipo de carnaval que se pretendia reavivar. A própria geografia da cidade não permite a brutalidade sonora dos trios elétricos e o povo agradece pela recuperação de um estilo de carnaval que havia desaparecido da cidade, retomado justamente no Centro, onde ocorria em outras épocas.

A mudança teve também o objetivo de favorecer a valorização do Centro Histórico, que começava a ter seu projeto de revitalização implantado. Esse compromisso com a história da cidade, unindo passado e tradição com a vitalidade de novas gerações, é uma das contribuições culturais indelévels do Cafuçu.

Cultura de massa

A proposta temática do Cafuçu está associada aos tipos populares que circulam no cotidiano da cidade, com destaque para o espírito pitoresco de cada folião, a feição meio brega, meio exagerada, os maneirismos que caracterizam e diferenciam os diversos segmentos sociais. Numa explosão criativa, os tipos mais exóticos e bizarros invadem as ruas da cidade no dia do bloco, causando uma hilaridade contagiante.

Este aspecto lúdico tem sido a tônica e o diferencial do Cafuçu. Mais que a costumeira euforia carnavalesca, o bloco estimula a exteriorização das fantasias dos foliões, favorecendo o relaxamento da censura

Pra vestir a fantasia de cafuçu não tem idade, nem medo do espelho. 2002

dos padrões culturais sobre as manifestações do ridículo. Esta liberdade envolvente mexe com o inconsciente de todos, atraindo às fileiras do bloco desde crianças até os antigos foliões, que redescobrem a folia perdida de velhos carnavais.

Dado a sua irreverência, o Cafuçu tornou-se um dos mais festejados blocos das prévias carnavalescas da cidade. O arrasto, que é a consequência natural desse tipo de bloco, tornou-se um dos momentos mais vibrantes. São orquestras de frevo que marcham no meio do povo, numa sincronia quase impossível, mas que, no final, conseguem embalar a festa. É uma multidão a desfilarem em becos que se afinam e desembocam em adros. São grupos fantasiados a perder de vista, da Praça Dom Adauto, na cidade alta, à Praça Antenor Navarro, tendo como cenário o velho casario do Centro Histórico.

No entanto, é na concentração que se dá uma espécie de confraternização dos foliões, momento em que potencializam a dramaticidade – ou a jocosidade – de seus personagens e dão vazão à fantasia. A cada ano o Cafuçu procura aperfeiçoar sua ideia de folia, incentivando os participantes a se fantasiar a rigor, de acordo com a concepção de cada um do que seja cafuçu. Esta prática procura diferenciar nosso carnaval da uniformização que ocorre com os carnavais fora de época, que copiam o



padrão das “mortalias” comuns ao carnaval baiano. As fantasias significam a diversidade, a motivação ao exercício da criatividade, da crítica cultural e social, em conformidade com a origem anárquica do carnaval.

O riso escandaloso, surpreendente, incontrolável explode a cada nova figura excêntrica e exuberante que chega à praça. A concentração, que começa na boca da noite e vai até às 23 horas, tem merecido atenção cada vez maior da organização do bloco, que procura oferecer aos foliões a infraestrutura necessária para a realização de uma grande festa, espécie de baile à fantasia nos quadrantes da praça.

Concentração e arrasto

Falar em desfile do Cafuçu é só uma maneira de dizer, mas não deixa de ser apropriada. O Cafuçu é um bloco de arrasto e não uma agremiação nos moldes do chamado Carnaval Tradição, onde as agremiações se apresentam por entre passarelas tendo o público como espectador. O estilo do Cafuçu pode ser classificado como “carnaval participação”, cuja presença ativa do povo, como protagonista, é o que lhe dá vida e sentido.

Por outro lado, os foliões que se entregam à folia do bloco o fazem de modo tão caricatural e espontâneo que sua presença não deixa de ser um desfilar de tipos os mais exóticos e hilários que se possa imaginar. Aquela roupa velha, estilo década de 1970, cai como uma luva na fantasia dos cafuçus. Um detalhe, um adereço, uma combinação extravagante de cores, uma maquiagem carregada, tudo é motivo para a caracterização de um visual comumente considerado brega, *démodé* ou de mau gosto.

Alguns foliões vão além, fazem de sua fantasia um retrato ora enviesado, ora realista dos costumes e expressões culturais do povo. Não raro se

encontra o banhista com a boia de câmara de ar de caminhão; a farofeira, com galinha, farinha e tudo, dando colheradas na boca dos foliões em meio à multidão; o novo-rico exibindo um celular antigo do tipo “tijolão” ao pé de ouvido; uma madame palitando os dentes enquanto saboreia o churrasquinho “de gato”. São tantos os tipos que o bloco se transforma num grande laboratório de estilos, onde desfilam figuras inimagináveis, sempre promovendo a comicidade, a inversão de valores, a quebra dos paradigmas e do bom-gosto, próprios ao carnaval.

Em meio a esta cornucópia de encarnações destemperadas, figuram aqueles autênticos, que emprestam o nome ao bloco. Por se tratar de um evento popular, sem qualquer restrição, num espaço público, coletivo e democrático, é comum contar com a participação dos verdadeiros

cafuços, aqueles que já incorporam a fantasia por força do hábito todas as horas do dia, todos os dias do ano e que não poderiam deixar de marcar presença na festa.

Ano a ano o Cafuçu reúne mais gente. Em 2005 a imprensa estimou a presença de 40 mil foliões no centro da cidade na saída do bloco. A cada dois anos o público dobra, transformando

Farofeira prevenida leva seu kit cafuçu básico. 2005



o Cafuçu num evento colossal. A enormidade do Cafuçu acaba fomentando a formação de pequenos grupos de brincantes, com suas próprias orquestras, que se incorporam ao bloco.

O perfil dos foliões do bloco é o mais heterogêneo. No desfile encontram-se pessoas de todos os cantos da cidade, da gente grã-fina da praia à população do Cordão Encarnado ou ribeirinha do Porto do Capim. No dia da concentração, impressiona pegar um ônibus desde os bairros mais distantes. É curioso ver o desprendimento com que as pessoas encarnam a brincadeira, saem de suas casas vestidas e pintadas sem qualquer cerimônia, fazem a maior presepada, com orgulho de fazer parte da festa. Há que se ver os arredores da Praça Dom Adauto durante toda a noite da saída do bloco. São “revoadas” de cafuçus que descem dos ônibus lotados na Lagoa e flanam alegremente ao encontro da massa.



Overdose de cafuçu numa só criatura. 2010

Cada vez as pessoas chegam mais cedo à concentração para apreciar o desfile bem humorado dos cafuçus. A multidão extrapola os limites da praça e invade ruas e becos da vizinhança. Isto tem exigido um esforço enorme da organização. Não é mais possível contar com apenas uma pequena orquestra para animar tanta gente. Para solucionar o problema, em 2006 foi montado um grande palco na praça para ampliar a ressonância da música entre os foliões e valorizar a presença das orquestras.



A Praça Dom Adauto se prepara para a concentração do Cafuçu. Ambulantes ocupam seus lugares a espera do início da festa. 2006



A praça cheia, logo após o cair da noite. 2006

Um dos charmes da concentração era a audição da Rádio Cafuçú, comandada pelo locutor Galbano Brasil, aliás, o humorista Cristovam Tadeu, falecido em 2017. Nos intervalos das orquestras a “rádia” entrava no ar como uma difusora de parque de diversão, com seus postais sonoros a tocar os hits de Lindomar Castilho a Evaldo Braga, de Roberto Carlos a Reginaldo Rossi. Nesse momento o público entrava em delírio, numa ovação que tomava conta da praça.



O cafuçú não abre mão de sua rara coleção de elepês. 2004

Às 23 horas a concentração começa a se mover, dando lugar ao arrasto. É um momento delicado de coordenação e tensão. Em 2008 foram mais de dez orquestras a animar a multidão, espalhadas em pontos estratégicos de modo a que todos pudessem brincar ao som das tradicionais marchinhas carnavalescas. O esfrega-esfrega é intenso e o sufoco incontornável, sobretudo no beco da basílica, onde muitos foli-

ões saem pela tangente, pelas ruas vizinhas. A curva da Avenida General Osório e a entrada na Rua da Areia, margeando o edifício conhecido como “18 Andar”, são outros pontos de arrocho. Mas é um aperto que todos levam com bom humor, um motivo a mais para um amasso e para entoar as canções em uníssono.

O Cafuçu tomou uma dimensão tal que não é possível ver o começo e o fim do bloco ao mesmo tempo. Para tantos que chegam à Praça Antenor Navarro, o ponto da apoteose, outro tanto ainda está saindo da concentração. É uma multidão incontável ocupando várias ruas da cidade, criando outros caminhos paralelos ao trilhado pelo bloco. Pode-se dizer que o Cafuçu é toda a cidade nessa noite, encarnando o espírito zombeteiro em seus becos e ruelas.



No arrocho, o Cafuçu desce a Rua da Areia. 2006

Ao chegar à Praça Antenor Navarro o Cafuçu encontra outro palco armado para a continuidade da festa. As orquestras no chão param para dar vez ao concerto no palco. Outras orquestras assumem o comando, sempre com a participação de grandes nomes da música popular local e regional, que capricham num repertório apropriado para o evento.

A praça reúne uma multidão que desce as ladeiras com o bloco juntamente com os que já aguardam no local. Um dos mais preservados sítios históricos da cidade se transforma, então, num grande cenário para a folia dos cafuçus, que varam a madrugada até o amanhecer (até o Ministério Público determinar que toda manifestação pública deva encerrar a 1 hora da madrugada). Esse baile do Cafuçu podia ser considerado a abertura oficial do carnaval da cidade.



Na Praça Antenor Navarro, a festa continuava pra valer. 2006

Eventualmente com algumas mudanças estruturais e conceituais, esse ritual perdurou por anos, até 2009, momento em que a administração pública, que dá suporte logístico à festa, desarticulou o carnaval no espaço da “cidade baixa”, privilegiando o “Ponto de Cem Reis”, largo que substituiu o viaduto Damásio Franca.

O Cafuçu fecha as prévias da Associação Folia de Rua e entrega a cidade ao Carnaval Tradição. Aí, é cada um por si e todos imbuídos com o espírito da alegria momesca. Quem quer, fica na cidade e curte o florescente, mas tímido, carnaval nos bairros, ou assiste ao desfile das agremiações tradicionais. Quem não quer ficar, vai para as praias, que continuam com um carnaval muito animado – mas brega de morrer. Outros vão para os carnavais de Olinda e Recife. Mas isso já é outra história.



Cafuçu pra valer vai à festa e ainda fatura uns trocados. 2002

Outras manifestações do Cafuçu

O bloco Cafuçu é conhecido por seu desfile carnavalesco, que acontece anualmente no Centro Histórico de João Pessoa, mas as atividades relacionadas ao bloco não param aí. A programação inclui uma animada prévia para a escolha do Casal Cafuçu do ano, semanas antes do carnaval. Reforçando seu caráter cultural, o Grupo Artesanal, associação sem fins lucrativos que se encarrega das promoções do bloco, promove também o já tradicional Santo Antônio do Cafuçu, que se trata de uma típica festa junina.

Outros eventos ocasionais, sem compromisso de periodicidade, também são promovidos. Já foram realizadas a Gafeira do Cafuçu, no antigo Parahyba Café, na Praça Antenor Navarro, embalada por muita salsa, gafeira e outros ritmos latinos e a Feijoada do Cafuçu, momento de interação e confraternização dos amigos do bloco, regado a música e cachaça. Além disso, ocorrem em vários espaços da cidade exposições fotográficas com flagrantes das atividades do Cafuçu sob a mira certeira de Bertrand Lira e Henrique Magalhães, guardando a memória das imagens burlescas dos foliões.

O objetivo dessas ações é manter o bloco o ano todo em evidência, promovendo eventos ligados à cultura popular. As promoções procuram dar sustentabilidade ao bloco, com o intuito de depender menos dos patrocínios oficiais. Essa preocupação dos dirigentes do bloco atende a um artigo do estatuto da Associação Folia de Rua, que visa

transformar as agremiações em ONG de caráter cultural e social, ampliando sua atuação para além do carnaval.

Cafucin

Uma promoção marcadamente bissexta associada ao Cafuçu ocorreu em 2000, quando foi criado um bloco *Cafucin*, para animar os miúdos. A ideia partiu de Tieta Nobre, apoiadora assídua do Cafuçu, que fez do bloco infantil uma extensão das atividades pedagógicas de sua Escola IPEI, de ensino fundamental. A proposta foi juntar os alunos e os filhos dos amigos para brincar o carnaval nos moldes do Cafuçu, só que no final da tarde, entre as praças Antenor Navarro e S. Pedro Gonçalves, no Varadouro. Com o lema “traga seu cafucin, vista sua fantasia, caia na folia”, o bloco arrastou uma boa gurizada, puxada pela orquestra de Jurandir do Sax. Em outros anos o bloco saiu no bairro dos Bancários, nas imediações da Escola, mas rebatizado de Comadre Florzinha.



O Cafucin animou
a gurizada no
Centro Histórico

Baile do Cafuçu

Faz parte do calendário do Cafuçu sua prévia temática, com aproximadamente um mês de antecedência para a saída do bloco. O Baile do Cafuçu tornou-se uma verdadeira tradição, como um ensaio para o carnaval. Trata-se de um baile onde os amantes do Cafuçu podem brincar sem atropelos, revivendo o clima dos memoráveis carnavais de salão dos clubes sociais.

O propósito do baile é esse mesmo, resgatar as festas de clubes, com orquestras e desfiles de fantasia. Na ocasião vários foliões se trajam a rigor para participar do concurso para a escolha do Casal Cafuçu do ano. O evento caiu no gosto do público, que desfruta de maneira mais tranquila a exibição extravagante dos concorrentes.



Concorrentes ao Casal Cafuçu do ano caracterizados a rigor. 2006

O sucesso retumbante do baile, que proporciona aos foliões um êxtase de alegria com as performances mirabolantes dos cafuços, tornou-se um acontecimento que marca as prévias do carnaval paraibano. Seu público é formado por artistas, intelectuais chinfrosos, bofes e bichas, dondocas desvairadas ou mesmo os mais simples dos mortais encarnados em suas fantasias, que deixam fluir o lado cafuçu habitualmente recalçado.



Madalena Acioly, célebre apresentadora do Baile do Cafuçu. 2010

Durante muitos anos o Baile do Cafuçu foi itinerante. Algumas vezes ocupou o pátio do Teatro Lima Penante, mas já aconteceu no Teatro Santa Roza, no Marinas Bar quando localizado na ponta do Cabo Branco, no extinto Zanzibar, também no Cabo Branco, no antigo bar Última Sessão, em Tambaú, na Escola Piollin e na Praça Antenor Navarro. A Piollin tornou-se o espaço preferencial por ser uma bela casa de fa-

zenda encravada no coração da cidade. Para animar o desfile contou-se com frequência com duas presenças marcantes: Madalena Acioli e Edílson Alves, dois consagrados atores paraibanos, que na ocasião fazem as vezes de mestres de cerimônia incorporando sua mais autêntica fantasia cafuçu.

O concurso é uma brincadeira criada pelos organizadores do bloco e patrocinada pelo comércio local. Muitos prêmios são distribuídos aos vencedores, que vão de viagens a balneários, alguns bregas, outros famosos – como Jacumã, Lucena, Natal e Salvador –, até prêmios de consolação, como um perfume “Lancaster” ou uma noite num motel. Os que por timidez resistem a entrar no clima irreverente da festa também têm sua chance. Durante o baile os organizadores, atentos, procuram identificar a essência do cafuçu em cada um dos foliões, atribuindo o prêmio “realismo” ao cafuçu e à “perua” autênticos.

Um dos motivos para a realização do baile é o lançamento da camisa do bloco, que apresenta o mesmo desenho que ilustrará o estandarte. A cada ano uma nova arte é criada, interpretando com uma visão bem humorada a expressão mais cafuçu do momento. Em alguns anos a criação ficou a cargo de Henrique Magalhães, mas já passou pela pena de Cristovam Tadeu e Sérgio Lucena.

Um dos momentos mais interessantes do baile, ocorrido no Marinas Bar em 1993, confirmou o propósito de ativismo político e cultural do Cafuçu. Em sintonia com o indefectível incômodo de muitos habitantes da capital, provocando a ira dos herdeiros – as “viúvas” – do legado político de João Pessoa, mas aplaudido pelos aficionados do bloco, o Cafuçu propôs a mudança do nome da capital, no manifesto que reproduzimos a seguir:

Cidade do Cabo Branco Manifesto aos navegantes

Cidade das Acácias, Cidade Verde, Cidade do Sol. O ponto mais oriental das Américas.

A natureza exuberante faz da capital da Paraíba um paraíso ecológico que clama por um nome que faça jus a sua beleza. Qual Filipéia, qual Frederika, Parahyba ou João Pessoa pode traduzir o espírito que emana desta cidade?

A bravura história de nosso povo é inesquecível e honra seu espírito de luta. Que ela ocupe seu espaço em nossa memória.

Paraíba! Seu nome sempre esteve associado a referências políticas que ancoraram seu desenvolvimento ao passado. Mar revolto não navegável – Paraíba em tupi-guarani. É hora de se olhar pra frente, sonhar com o futuro, projetar-se para o mar.

Cabo Branco, latitude 7. Referência universal para os navegantes, ponto mais oriental das Américas.

Cabo Branco, capital da Paraíba. Espelho natural de uma cidade feliz.

Cabo Branco, 11 de fevereiro de 1993.



Santo Antônio pra valer tem que ter prenda, e cafuçu na janela. 2007

Santo Antônio do Cafuçu

Cafuçu pra valer brinca o ano todo; toda hora é o momento certo para a diversão, sobretudo quando a cidade se prepara para suas festas tradicionais. O período junino não poderia passar em branco para o Cafuçu pela significância cultural que representa para nosso povo. Para não concorrer com o auge das festas, que é o São João, o grupo promove o Santo Antônio do Cafuçu, valendo-se de toda a simbologia que essa festa e santo alimentam.

O Santo Antônio do Cafuçu é realizado no sábado mais próximo do dia 12 de junho, dia de Santo Antônio, na Casa Grande da Escola Piollin. O local não poderia ser mais adequado. Antiga fazenda de gado, a Escola Piollin está situada ao lado da Bica (Parque Arruda Câmara), praticamente no centro da cidade. É um enclave rural no meio urbano, o que proporciona ao Cafuçu promover uma festa nos moldes tradicionais, como um arraial, com clima de festa do interior.

A preocupação do Cafuçu é a preservação dessa festa popular, cada vez mais massificada pela mídia e descaracterizada nos grandes centros e mesmo nas pequenas cidades interioranas. No Santo Antônio do Cafuçu a música é um dos destaques, marcada por xote, baião, xaxado – e um toque de brega e ritmos latinos –, levada por um trio do mais autêntico forró pé-de-serra, formado por sanfona, zabumba e triângulo.

Não poderiam faltar no Santo Antônio do Cafuçu todos os demais elementos que formam a identidade das festas juninas, como a fogueira, as bandeirinhas, as lanternas coloridas, a comida de milho, o quentão, a quadrilha e, claro, o traje matuto, que os amantes do Cafuçu fazem questão de ostentar.



O Cafuçu preserva as raízes e tradições, com fogueira, comida típica e o melhor trio de forró “pé de serra”. 2007

Gafieira do Cafuçu e Jackson do Pandeiro

A Gafieira do Cafuçu foi mais um motivo pra fazer a festa, ampliando as possibilidades promocionais do bloco. Na ocasião, privilegiou-se as músicas que estão fora das paradas de sucesso, como a gafieira, salsa, cumbia, merengue e a música brega, todas com ritmos muito

contagiantes. É um toque de *fiesta* latina que o Cafuçu procurou incrementar, fazendo a ponte com *los hermanos* e trazendo ao público novas sonoridades.

Um dos eventos mais significativos realizados pelo bloco foi a homenagem a Jackson do Pandeiro em 1996, no antigo bar Portal das Cores. Na ocasião, que teve a participação maciça dos amantes do bloco, contou-se com a ilustre presença de Almira Castilho, esposa e parceira de Jackson, que deu um tom comovente e vibrante à festa. A animação ficou a cargo de Paulinho de Tarso e os Filhos do Forró.

Feijoada do Cafuçu

A Feijoada do Cafuçu teve como objetivo a confraternização dos organizadores do bloco com os foliões mais chegados, com os que desfrutam dos bastidores e da construção desse grupo cultural. Mas também serviu para arrecadar fundos para as ações do grupo, como a produção de camisetas, a confecção do estandarte e a preparação das festas.

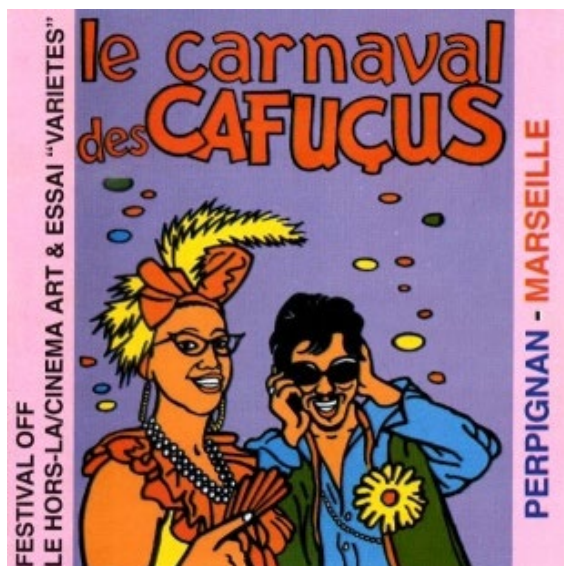
O clima de descontração predominou, com a informalidade que o evento favorece. Não era preciso se caracterizar de cafuçu para se acabar no paio e no feijão, mas depois de algumas lapadas de cachaça, o espírito reprimido do cafuçu, que vive no armário de cada um, aflorou exuberante, nas gargalhadas desbragadas, na boca cheia de farofa, nas conversas gritadas ao celular.

No flagra

Outra ação cultural do Cafuçu é a realização de exposição dos melhores flagrantes captados no bloco. As exposições fotográficas ocorrem eventua-

almente, revelando ao público aspectos curiosos dos foliões durante o baile e a saída do bloco. As fotografias são feitas por Bertrand Lira e Henrique Magalhães, cada um buscando um ângulo inusitado dos participantes e do conjunto da festa. Algumas exposições aconteceram na Aliança Francesa, grande parceira e incentivadora do bloco. Também já estiveram na sede social do SESC e ganharam visibilidade internacional.

Em 2001 o trabalho da dupla de fotógrafos foi destaque na Exposição Off do Festival de Fotojornalismo de Perpignan, no sul da França. Nesse festival de fama mundial, a exposição do Cafuçu rendeu uma grande matéria jornalística na revista francesa *Fotographe Amateur Magazine* (TAJTELBOOM, 2001). Bertrand e Henrique fizeram ainda palestra para o público local a respeito das fotografias e das características do carnaval de rua da cidade. A mesma exposição foi apresentada em Marseille (HARDOUIN, 2001), dentro das atividades de intercâmbio cultural da Associação Le Hors-là.



Catálogo da exposição dos cafuços na França

A respeito da exposição, o semanário *Le Travailleur Catalan*, da região dos Pyrénées-Orientales, reforça que à margem da grande quantidade de exposições fotográficas de setembro, havia um recanto de ternura, de lucidez e de ironia que refrescava os olhos tanto quanto mantinha o espírito alerta. A exposição de Bertrand Lira e Henrique Magalhães sobre o carnaval dos Cafuçus, de João Pessoa, esteve em cartaz no Festival Off de Perpignan. De fato, Cafuçus é uma palavra literalmente intraduzível, um misto de cafona, snob, amostrado, estranho, arrogante etc. Em suma: ridículo à potência 1000. Quer saber, esta exposição lembra certos cafuçus daqui e de alhures. Verdade, a gozação insolente desses brasileiros engraçados e doces é bem vinda (*Carnaval des Cafuçus, Visa pour le ridicule*, 2001).

O Cafuçu não é só a saída do bloco nem a realização das festas. Em torno dessa ideia há uma série de elementos que fazem a cara e o espírito do bloco, a exemplo dos estandartes, da boneca Adalice, da orquestra *Cafuceta*, do hino do bloco, da *Rádio Cafuçu*, do CD *As 10+ do Cafuçu*, lançado no carnaval de 2007, da risada inconfundível de Corriinha e para situar tudo isso, da sede, que foi uma conquista importante para a organização, mas que se mostrou inadministrável.

Para dar cobertura a tantas ações, o Cafuçu buscou um modo operacional que visasse a completa independência, a autossustentação necessária para seu desenvolvimento conceitual e estrutural. Objetivo não logrado, mas sempre tentado, foi consequência de um grupo cada vez mais rarefeito, malgrado as tentativas de ampliação. A empatia popular do bloco não corresponde ao compromisso de fazê-lo acontecer, o que preserva o núcleo duro do grupo, mas lhe expõe a todas as vicissitudes. Apesar desse descompasso, são muitas as ações e contribuições dos que apreciam o bloco e se envolvem de algum modo com a sua realização.

Força por trás

O Cafuçu é uma agremiação sem fins lucrativos que conta com a participação espontânea de seus simpatizantes. Busca-se tão somente a realização sustentável da festa, que vem tomando grande proporção e exigindo uma variedade de serviços e equipamentos para sua efeti-

vação. Além de um número cada vez maior de orquestras para animar a multidão, é preciso providenciar a sonorização, os palcos, equipe de produção, seguranças, banheiros químicos, dentre outros itens.

Nos primeiros anos do bloco e nos passos iniciais do movimento que deu origem à Associação Folia de Rua foi importante o apoio substancial de algumas empresas, especialmente aquelas ligadas à indústria de bebidas. Isso já não ocorre mais. Nos anos recentes, o apoio aos blocos está centrado na concessão de orquestras e estrutura logística pela oficialidade, quando possível, ou através de projeto de incentivo cultural encetado pela Associação Folia de Rua junto aos órgãos públicos.

Desde 2006, com a inclusão do Cafuçu nas atividades do Grupo Artesanal – entidade associativa sem fins lucrativos –, vem-se buscado alternativas para as demandas crescentes do bloco, como a aprovação do Projeto Cafuçu na Lei Federal de Incentivo à Cultura, Lei Roaunet, para captação de recursos junto à iniciativa privada por meio de renúncia fiscal. Pensou-se também em outras formas de produção para garantir a saída do bloco. Às empresas amigas e associações de classe que se identificam com a proposta é solicitada a concessão de uma orquestra de frevo para somar às obtidas por meio da Associação Folia de Rua ou diretamente com a Prefeitura. São também estimulados os grupos de amigos que tenham charangas e orquestras a se integrarem ao Cafuçu para reforçar o arrasto, iniciativa que serve como fomento de novos blocos.

A sede

Em 2006 o Cafuçu, por intermédio do Grupo Artesanal, conquistou um espaço que poderia ter sido fundamental para sua organização. O grupo foi contemplado, por meio de edital estadual, com uma sede no

Centro Cultural do Terceiro Setor, situado no Grupo Thomaz Mindelo, na esquina da Avenida General Osório com a Praça Aristide Lobo, na capital paraibana. O Centro Cultural pretendia reunir algumas das mais importantes associações culturais da cidade, a exemplo das ONG Para'iwa, Apan, Astrapa e Bigorna. O objetivo da criação do Centro foi o de possibilitar a estruturação desses grupos e respaldar sua atuação de forma sistemática.

O Grupo Artesanal, fundado em 1977, é uma associação com pessoa jurídica que promove diversas atividades culturais, dentre as quais produções cinematográficas e teatrais, editoriais e carnavalesca: o Cafuçu. Com a conquista da sede, ganhou-se um ponto de referência para contato com os públicos, um espaço para reunião e planejamento, para a organização do acervo e a promoção de exposições fotográficas e dos estandartes do bloco.

O espaço do Thomaz Mindelo poderia possibilitar a realização de festas e tertúlias e servir para intervenções de todos os grupos. A rua lateral ao prédio, que margeia a Praça Aristide Lobo, poderia ser uti-



Local onde funcionou por curto período a sede do Cafuçu

lizada como espaço de atuação do Cafuçú, para promoção de bailes e concentração do bloco.

Apesar do entusiasmo com a conquista da sede num primeiro momento, a inviabilidade de se manter uma estrutura administrativa pelo bloco e pelo Grupo Artesanal frustrou sua participação no Centro. A sede não foi efetivamente implantada e o projeto de um espaço de referência do bloco ficou adiado indefinidamente. Ressalte-se que a falta de mais empenho do poder público em fazer vingar o projeto do centro cultural alternativo levou-o ao colapso e tornou-se mais uma iniciativa idealizada e inconsequente.

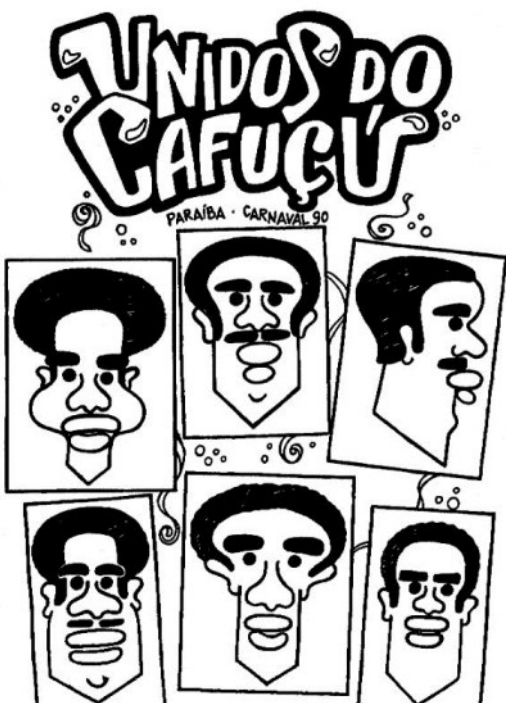
Estandartes: arte em movimento

O estandarte do bloco é sua expressão iconográfica máxima. Nele está representado o espírito da agremiação, algo como um brasão, ou logotipo, marca síntese de uma empresa, produto ou instituição. Comumente o estandarte é um símbolo imutável, ou de vida longa, para que se tenha o caráter de perenidade e de fortaleza do grupo, servindo, também, como registro de sua fundação e história.

Curiosamente, o ressurgimento do carnaval de rua da cidade, com o pioneirismo do bloco Muriçocas do Miramar, inovou na criação do estandarte,



H. Magalhães



Primeira arte para o estandarte do Cafuçu. Por HM. 1990

que deixou de ser uma imagem permanente para ser renovável a cada ano. Apesar da quebra da lógica conceitual do estandarte, o Muriçocas do Miramar deu uma grande contribuição para a produção artística ligada à cultura carnavalesca. Anualmente um artista plástico é convidado para criar o estandarte, dando sua visão pessoal inspirada na folia e nas referências do bloco.

O Cafuçu seguiu esse conceito e por 15 anos explorou no estandarte temas diferentes que representassem a feição cafuçu do momento. Já foram apresentados a figura de um cafuçu com celular – quando o aparelho

era ainda objeto de ostentação de riqueza; carro com mala aberta e paredão de som; cafuçu palitando dente – que gerou uma febre de foliões durante o bloco tirando as sobras do churrasquinho com seu palito pessoal.

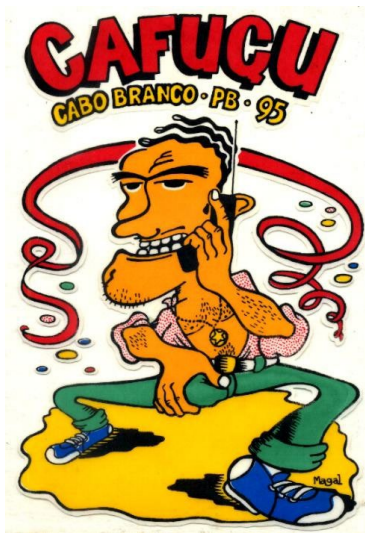
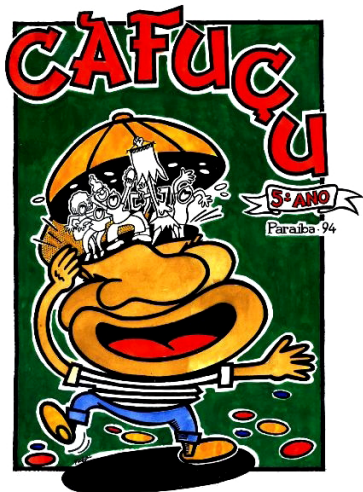
As artes dos estandartes do Cafuçu foram quase todas criadas pelo cartunista Henrique Magalhães. Com o objetivo de renovação, foram convidados Cristovam Tadeu e Sérgio Lucena a darem sua versão, que o fizeram com belas estampas de cafuçu. A partir de 2006 foi decidido retomar o conceito simbólico do estandarte, criando um que represente definitivamente o espírito do bloco, contudo, essa proposta só foi realizada em 2019.

As figuras representadas nos estandartes também eram usadas nas camisas, impressas a cada ano para captação de recursos para o bloco. Com a fixação da imagem do estandarte, a camisa se tornou o espaço ideal para a experimentação visual dos motivos do bloco, acompanhando as tendências mais cafuças da atualidade.

Cafuçu



CARNAVAL DA PARAIBA · 93



O ator Dadá Venceslau emprestou sua figura para a caracterização do Cafuçu

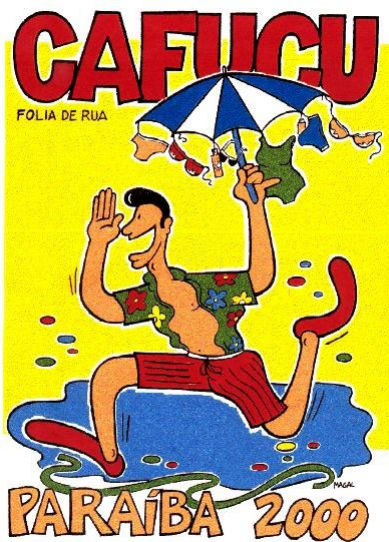
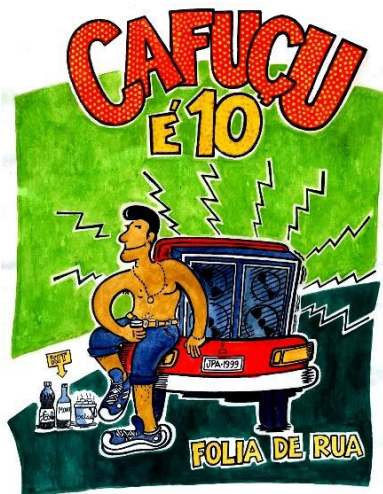
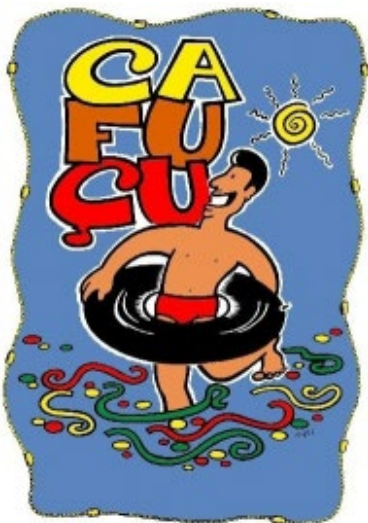
FOLIA DE RUA • CABO BRANCO, PB



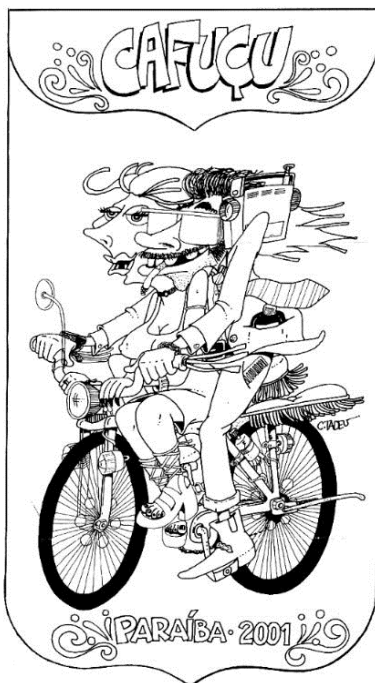
FEVEREIRO 1997

D	S	T	Q	Q	S	S
2	3	4	5	6	7	1/8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	

Em 1997, a arte de Carlos Zéfiro serviu de inspiração

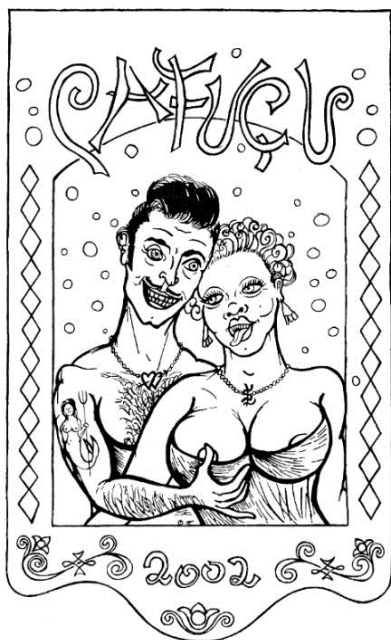


Os estandartes e as camisas do bloco estimularam a criatividade na representação do cafuçú

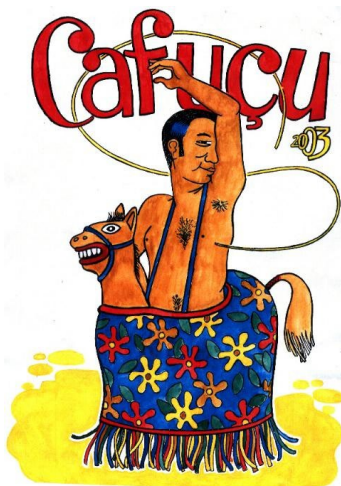


Arte do cartunista Cristovam Tadeu para o estandarte e a camisa em 2001

Arte do artista plástico Sergio Lucena para o estandarte e a camisa em 2002



Palitar dente ficou chic depois que Corrinha lançou a moda no Cafuçu de 2004



Cafuçu

2009



O cortejo, de 2005, mostra a diversidade e a alegria do bloco



Arte do artista plástico Sergio Lucena para o Cafuçú em 2010



Estandarte definitivo,
em 2019.
Por H. Magalhães


Volantes

Bloco essencialmente midiático pelas boas e divertidas imagens que oferece, o Cafuçu é sempre destaque na televisão e nos jornais, chegando a ter chamadas ao vivo e ocupar as manchetes das primeiras páginas. Nem é preciso correr atrás para fazer a divulgação do bloco, a mídia de massa abre suas câmeras generosamente para o Cafuçu, o que rende entrevistas hilárias e fotos impagáveis.



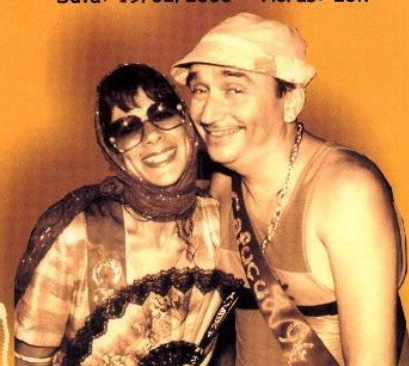
Para outras atividades culturais o bloco conta com a velha estratégia cafuçu de distribuir volantes de mão em mão, método excepcionalmente eficaz de atingir o público dirigido. O Baile e o Santo Antônio do Cafuçu são divulgados dessa forma, mas contaram também, em alguns anos, com o luxo de ser anunciados em outdoor no Campus da UFPB. O cartaz de 2x4m era feito artesanalmente por Magalhães, com artes originais ou baseadas nos motivos da camisa e do estandarte do ano.

Nos primeiros anos, o Cafuçu também teve flâmula, um adesivo e um chaveiro em látex como complemento de sua divulgação. Feitos em pequena tiragem, essas relíquias foram experimentos para fixar o nome do bloco, que se tornaram singelas lembranças para os foliões.





BAILE Escolha do Casar 

CAFUÇU

Local: Teatro Lima Penante
Data: 19/02/2000 - Horas: 23h




Inscrições: Teatro Lima Penante (222 4131)
e Ass. Folia de Rua (222 7088 / 221 6393)
Animação: Orquestra Cafuceta - Reg: Maestro Chiquito

 **Kaiser**  **PARANÁ**  **JOÃO PESSOA**
 **TELEMAR**

BAILE DO

dia 26 Sábado
às 22h
Centro Histórico
Pra: Antenor Navarro



FOLIA DE RUA
CAFUÇU

SANTANTÔNIO DO CAFUÇU



12 jun.09, às 22h. R\$5,00
Na Escola Piollin (ao lado da Bica)
Animação com **Tropicais do Forró**

SANTO ANTÔNIO DO CAFUÇU

Escola Piollim
AO LADO DA BICA! dia 12/06
22h
SO FORRÓ!



Artes de diversos autores. 2000, 2002, 2006, 2009

Baile do Cafuçu 2009



Piollin (ao lado da Bica e CPTRAN)
7 DE FEVEREIRO - 22H - R\$5,00

BAILE

CAFUCU

DIÁ 06 sábado
a partir das 22h/R\$ 5,00
Rua Sizenando Costa S/N
No Roger ao lado da bica

animando o baile:

DJ INOCENCIO TOZANI

CATARINA DEE JAH

piollin informações:
83 8803 3987
83 3241 6343

Artes de H. Magalhães. 2009, 2010



Várias artes do Cafuçu foram transformadas em outdoor, causando grande impacto no público



Cafuçu em quadrinhos

Embora o Cafuçu, por sua diversidade conceitual, dificulte qualquer representação, há sempre a tentação de imaginar uma figura que sirva de ícone do bloco. Uma das figurações sugeridas, ainda no início da década de 1990, trazia um mulato grande e desajeitado, musculoso e asselvajado, seguindo a definição do termo “cafuçu” como descrito nos dicionários.

Criada a personificação, o cafuçu virou tiras e história em quadrinhos, publicadas em 1993 na série “Rendez-vous”, de Henrique Magalhães, no jornal *O Norte* e no álbum *Rendez-vous*, lançado pela editora paraibana Marca de Fantasia. Também saiu na revista independente *Panacea* (1994), editada por José Mauro Kazi em Osasco, São Paulo.

A história em quadrinhos do cafuçu publicada na revista já havia circulado de forma restrita como um folheto educativo, promovendo uma campanha para o uso de camisinha em prevenção à AIDS. A história chamou-se “É com ele que eu vou!” e se destinava a circular entre os foliões nas prévias da Folia de Rua. As tentativas de produção do folheto para distribuição maciça esbarraram na visão conservadora da Reitoria da UFPB, que se recusou a associar o nome da entidade ao que considerou um panfleto pornográfico. O mesmo ocorreu na Secretaria de Saúde do Estado, que após parecer favorável, foi em seguida recusado.

De forma satírica, com traço inspirado na estética underground, o cafuçu dos quadrinhos traz uma narrativa ao mesmo tempo didática e informal, bem própria da linguagem dessa arte visual. Esse foi o modo como o bloco Cafuçu tentou atuar no campo social prestando um serviço educativo e de prevenção à AIDS.



Cartão postal com a capa da revista em quadrinhos do Cafuçu



Uma das páginas da HQ de H. Magalhães, que teve edição artesanal

Boneca Adalice

Das foliãs mais entusiastas, Adalice Costa acompanhou os primeiros passos da criação do Cafuçu. O carnaval era uma das motivações de seu prazer de viver, sua alegria e seu espírito zombeteiro. Adalice usava o termo cafuçu como uma apropriação da linguagem popular, que assim denomina os pés-rapados e os metidos a besta. De tanto chamar as amigas e amigos de cafuçu, de forma meio pejorativa, mas ao mesmo tempo brincalhona – afinal, ela também se considerava uma –, Adalice acabou sugerindo o nome do bloco, que antes de ser bloco já o era, como um grupo de amigos de farra e gozo.

Adalice faleceu em meados de 1996, quando o bloco ainda saía na praia e com trio elétrico. No ano seguinte o bloco mudaria de perfil, sendo arrastado por orquestra de frevo no chão pelas ruas e avenidas do Cabo Branco. A ausência de Adalice se fazia sentir – o bloco já contava, para além de algumas dezenas de amigos, com centenas de foliões.



Adalice encantou-se, virou boneca. 2004

Num relato comovente, o cantor e compositor Kennedy Costa, autor do hino do bloco, conta como, de forma surpreendente e transcendental, garantiu a presença da mãe na saída do bloco:

A concentração começava no final da tarde e o Cafuçu saía pontualmente às 20hs pelas ruas do Cabo Branco e Tambaú. Cheguei mais cedo na concentração e conversei com Henrique Magalhães, Buda e mais outros que não lembro agora, sobre a confecção da boneca e a homenagem que prestaríamos a Adalice Costa (minha mãe). Tudo certo e combinado, só que começou a se aproximar a hora da saída do bloco e a boneca não chegava. Argumentei com os organizadores para esperarem mais um pouco, mas não teve jeito e o Cafuçu saiu sem a boneca (COSTA, 2010, p. 96-97).

Kennedy segue seu depoimento em tom emocionado:

Eu entrei num misto de tristeza e desespero. Tanto trabalho pra nada! Quando mais que de repente surge Florismá, no seu velho Chevette, com a boneca dentro. Expliquei pra ele o ocorrido e foi quando surgiu uma grande ideia. Montamos a boneca rapidamente e o próprio Flor vestiu a estrutura onde a boneca era montada e atalhou por uma rua paralela a que o bloco já desfilaria, pegando os foliões de frente.

Foi melhor do que o combinado! Ninguém esperava que aquela boneca com a caricatura de Adalice aparecesse do nada. Foi uma surpresa maravilhosa! Todos os seus amigos e conhecidos emocionados, muito choro e sorrisos estampados nos rostos. Todos constatando que aquela foliã amiga ainda continuaria viva por muitos carnavais” (COSTA, 2010, p. 96-97).



A presença inusitada de Adalice no meio do bloco emocionou e encheu de alegria os adeptos do Cafuçu. 2006

A aparição impactante da boneca de Adalice foi um dos momentos memoráveis da história do Cafuçu. Não só os organizadores se desmancharam em lágrimas, como os amigos e todos que conheciam a história de vida daquela incontornável foliã. Lágrimas que se converteram logo em combustível da alegria de brincar sob os braços daquela representação burlesca de Adalice. Nada mais cafuçu! A partir daí, em tom de brincadeira, os organizadores do bloco se perguntam quem será o próximo a virar boneco, já que o tempo corre e boa parte já beirava a terceira idade. E o tempo estenderia seu manto fúnebre sobre o bloco mais algumas vezes, como veremos logo mais.

O hino

Já na primeira saída do bloco pensou-se num hino que o caracterizasse. Paulo Vieira encarregou-se de fazer a letra, Kennedy Costa a música. Assim nasceu o hino do Cafuçu, gravado no LP da Associação Folia de Rua em 1993 e posteriormente em CD, também pela Associação.

A música vem embalada na alegria acelerada do frevo. A letra, simples e curta, fácil de gravar, aponta de forma prosaica os traços do cafuçu padrão, que logo se mostrariam limitados, pois se percebeu que há infinitas formas de ser cafuçu, que não podem se restringir a um estereótipo ou ideia pré-concebida. A letra fala ainda das saídas praieiras do bloco e embora esteja desatualizada, é refrão recorrente em todas as manifestações do carnaval. Segue a letra do hino, para rememorar.

É com ele que eu vou

Paulo Vieira & Kennedy Costa

Cabelo com brilhantina

Duas lapadas de pinga

Pente no bolso, no corpo muita ginga

Medalhão no pescoço, cheirando a mistral

Lá vai o cafuçu brincar o carnaval

Lá vai o cafuçu brincar o carnaval

Quem passa em Tambaú sabe o que é alegria

O Cafuçu é uma eterna alegria

Eu faço parte da massa

E quando a gente passa
A galera toda vai gritando assim
Olha o cafuçu, ô ô ô!
Olha o cafuçu, ô ô ô!
E é por isso que é com ele que eu vou, ô ô!
E é por isso que é com ele que eu vou!

Cafuceta

“Chegou a Cafuceta, fuceta, a orquestra do bloco do Cafuçu”. Assim começa o deliciosamente malicioso frevo composto pelo maestro Chiquito especialmente para o Cafuçu. Chiquito e sua Metalúrgica Filipéia acompanharam o bloco por muito anos, tornando-se quase companheiros do grupo.

Foi de Chiquito a ideia de transformar a Metalúrgica Filipéia na *Cafuceta*, quando a orquestra incorporava o clima do bloco e tocava um repertório à altura, composto de músicas brega, mas também de frevos e as tradicionais marchinhas de carnaval. Até o “Ilá ilá riê” consagrado por Xuxa entrava no repertório, cantado em êxtase pelos foliões no ar-rocho do arrasto. Sem dúvida, a *Cafuceta* é um capítulo imprescindível da história do bloco, seu maior intérprete em termos musicais. *Cafuceta* é orquestra e música, como a que se tem a seguir:

Cafuceta

Maestro Chiquito

Chegou a Cafuceta, fuceta

A orquestra do bloco do Cafuçu

Das mulheres nós queremos a saúde

E dos homens, hein?

E dos homens, hein?

E dos homens, ó!

Nós quer o quê?

Alegria, energia

Muita paz no carnaval

Com cuidado com os buracos

Pra não quebrar o pé

Bocal só de luz! Bocal só de luz!

As 10+ do Cafuçu

Depois das Muriçocas do Miramar, o Cafuçu é o primeiro bloco na Paraíba a lançar um CD com músicas originais, incrementando a produção musical dos autores paraibanos. *As 10 + do Cafuçu* é uma mostra da capacidade inventiva da música carnavalesca no Estado. A exceção da música “Forró do Cafuçu”, todas as outras resgatam e preservam a tradição de frevos e marchinhas, que sempre embalaram nosso carnaval de rua.

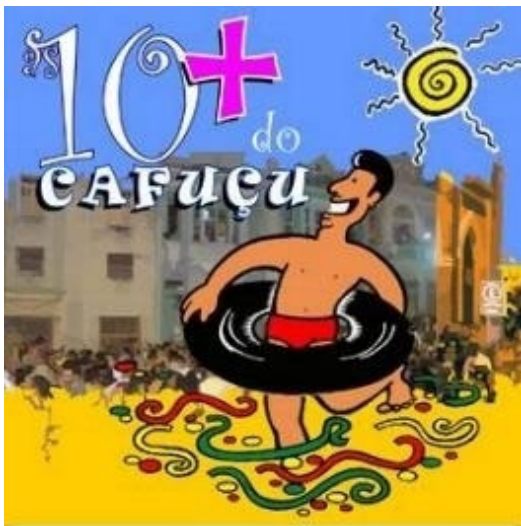
A música “João de Manezim”, por exemplo, tem a autoria do próprio Manezim, que fez história no carnaval de Cajazeiras. Como recor-

da Buda Lira, Manezim, além de ter sido goleiro e dono de um time de futebol, também foi proprietário de uma boate na periferia da cidade. Já a música “Viva o luxo e morra o bucho”, de Ednaldo do Egipto, com arranjo do Maestro Pedro Santos, retoma a história da música paraibana, tendo sido vencedora do Festival de Música Carnavalesca promovido pela Prefeitura de João Pessoa em 1986.

A ideia do disco se concretizou no carnaval de 2007, com o lançamento de um CD com várias músicas inéditas produzidas especialmente para o bloco. Além das duas já conhecidas – o hino oficial “*É com ele que eu vou*” e “Cafuceta” –, novas composições ganharam a interpretação de nomes conhecidos de nossa música, como Totonho, Kennedy Costa, Paulinho de Tarso, Jadir Camargo, Gláucia Lima, Patrícia Moreira, Maíra Montenegro, Cristovam Tadeu e Bombinha.

O CD *As 10 mais do Cafuçu* foi um projeto proposto por Buda Lira, aprovado pela antiga Lei Viva Cultura, quando se chegou a gravar duas músicas entre 2000 e 2003. Com recursos do Fundo Municipal de Cultura, da Funjope, que substituiu a lei de incentivo à cultura, outra parte dos recursos foi liberada para a gravação do CD, o que possibilitou a conclusão do trabalho.

Essa iniciativa do bloco é mais uma contribuição para o fomento da cultura carnavalesca da cidade, que pode se tornar uma referência a embalar muitos carnavais. O CD tem a direção musical do músico e arranjador Erivan Araújo, com produção executiva de Buda Lira e Marcelina Moraes. As letras são de Maestro Chiquito, Ednaldo do Egipto, João de Manezim, Kennedy Costa e Acilino Madeira, Bombinha, Fuba, e do próprio Erivan Araújo em parceria com Francisco Hernandez. São frevos, marchinhas e até um forró arretado, bem ao gosto de quem se amarra num cafuçu.



Capa e CD As 10+ do Cafuçu

São essas as músicas do disco:

1. Cafuceta. Maestro Chiquito
2. João de Manezim. João de Manezim
3. Mate o rato. Van Paraíba
4. Um abraço do cafuçu. Kennedy Costa & Acilino Madeira
5. Viva o luxo e morra o bucho. Ednaldo do Egypto
6. Visual de cafuçu. Bombinha
7. Lindo's Galletos. Buda Lira, Fuba & Erivan Araújo
8. Pirulito. Erivan Araújo & Francisco Hernandes
9. Hino do Cafuçu (É com ele que eu vou).
Paulo Vieira & Kennedy Costa
10. Forró do Cafuçu. Júnior Targino

Rádía Cafuçu

O Cafuçu também tem um pé nos veículos de comunicação. A *Rádía Cafuçu* é uma das invenções do bloco, surgida em um dos bailes na Praça Antenor Navarro. A *Rádía Cafuçu* embalou por anos a concentração do bloco e às vezes estava também presente no baile para a escolha do *Casal Cafuçu*. Não se trata de AM, muito menos de FM. A *Rádía Cafuçu*, pra variar, não passava de uma “rádio-poste”, ou rádio difusora com cornetas, no melhor estilo das difusoras dos parques de diversão de antigamente.

E não é só a música de “piniqueira” que explodia em seus alto-falantes, embora sejam incontornáveis os velhos sucessos de Roberto Carlos, Márcio Greike, Paulo Sérgio, Lindomar Castilho, Reginaldo Rossi, Evaldo Braga e Wando. Abria-se ainda o microfone para os recados apaixonados, as propagandas de sabonete e talco, pente, desodorante, perfume barato e todos os acessórios que fazem o luxo de uma velha e boa penteadeira.

A *Rádía Cafuçu* logo tornou-se um êxito fenomenal, empolgando a plateia que vibrava a cada grande sucesso que embalara sua saudosa infância. No comando da *Rádía Cafuçu* encontrava-se o locutor (hoje dito “dijei”) Galbano Brasil, aliás,



Galbano Brasil, locutor da Rádía Cafuçu

Cristovam Tadeu, que incorporava a personagem com rigor, trazendo o visual e o sotaque de um verdadeiro galã das velhas tardes de domingo.

Num artigo publicado no livro *Cinquenta Carnavais*, organizado por Fernando Moura (2010), Buda Lira relembra a origem da difusora, alcunhada de *Rádia Cafuçu*: após transitar por vários bares e outros espaços da cidade, o baile para a escolha do *Casal Cafuçu* foi realizado no antigo Parahyba Café, na Praça Antenor Navarro.

Programamos, na área musical, esticar o tempo de execução das músicas ligadas à tradição do carnaval, desde as antigas marchinhas até chegar aos frevos baianos e pernambucanos, passando pelas novas e antigas composições de paraibanos. Depois dessa esticada musical no repertório carnavalesco, entre recados sentimentais entrava, para surpresa de todas as pessoas presentes, um clássico do brega: “você é doida demais, doida, muito doida”... Os cafuçus deliravam. Mas, o mais surpreendente, foi a reação do público quando tocou na vitrola da Difusora Cafuçu, nesta sua inauguração, uma música de Márcio Greike. A canção foi aplaudida justo quando entra a voz do artista (“não, eu não consigo acreditar no que aconteceu...”) como se fosse ao vivo! Eu também não acreditei. Juro!” (LIRA, in MOURA, 2010, p. 54).

Corrinha ri

Uma das figuras inenarráveis do Cafuçu é Corrinha, a eterna musa do bloco. A cada ano ela surpreendeu seus “súditos” com criatividade compondo as mais inacreditáveis personagens. Uma de suas apresentações memoráveis foi, sem dúvida, a encarnação da *Globeleza* em 2006, transformando-se, claro, em *Cafuçubeleza*. Uma malha cor da pele garantiu-lhe a simulação de nudez e o fogo pintado nas virilhas,



Metamorfose de Corrinha em “Cafuçubeleza”, pelas mãos de Shiko. 2006

sobre o colante pelo artista plástico e quadrinista Shiko dava a ideia da fervura a jorrar das reentrâncias da inveterada foliã.

Corrinha ganhou o concurso de Cafuçu do ano em 2001. A partir daí ficou claro que ela seria uma candidata imbatível em qualquer concurso do bloco e para não desestimular a concorrência, resolveu-se atribuir-lhe o título de rainha *hors-concours* (que ela diz “ó com cu”), transformando-a na marca registrada do bloco, com sua risada e alegria inigualáveis. Como observa o cineasta Bertrand Lira, de *Cafuçubeleza* a Mandona, ela imprimiu ao bloco uma irreverência nunca imaginada, tornando-se uma das figuras mais populares da cidade.

Corrinha Mendes, já cinquentona à época (mas ainda com cara de 20, para as amigas maldosas), nasceu em Nazarezinho, no Sertão paraibano, mas passou a infância tomando banho no Açude Grande de Cajazeiras e sonhando em ser modelo. Formou-se em História e se tornou professora de escola pública, todavia o desejo de ser algo mais lhe obsediava. O sonho se concretizou quando se envolveu com os organizadores do Cafuçu. Sua carreira deslanchou por força da vontade popular, quando se tornou a rainha *hors concours* do Cafuçu (OLIVEIRA, 2010).

Malgrado se escolha eventualmente no Baile o *Casal Cafuçu* do ano, para o público Corrinha foi e será uma personagem/personalidade

simbólica, reverenciada e extremamente popular. Onde quer que chegasse era reconhecida. Na rua, no colégio onde ensinou História, nas repartições públicas, todos a saudavam como a rainha do Cafuçu, com a alegria contagiante que ela extravasava.

Essa empatia foi conquistada nas saídas do bloco, onde ela não faltava, mas também nas inúmeras e inenarráveis entrevistas televisivas que dava nas proximidades do carnaval para a promoção do bloco. De programas de culinária a telejornais, passando por humorísticos como o extinto *A Hora do Chibata*, da TV Tambaú, Corrinha encantou com suas tiradas espirituosas e seu humor, que sempre explodia numa bombástica gargalhada. E quem não conhece a risada histriônica de Corrinha certamente não sabe o que é cafuçu, quer dizer, o Cafuçu. Corrinha faleceu em 2018, mas deixou um enorme legado à cultura popular, tornando-se memorável na história de nosso carnaval.

Gente que faz

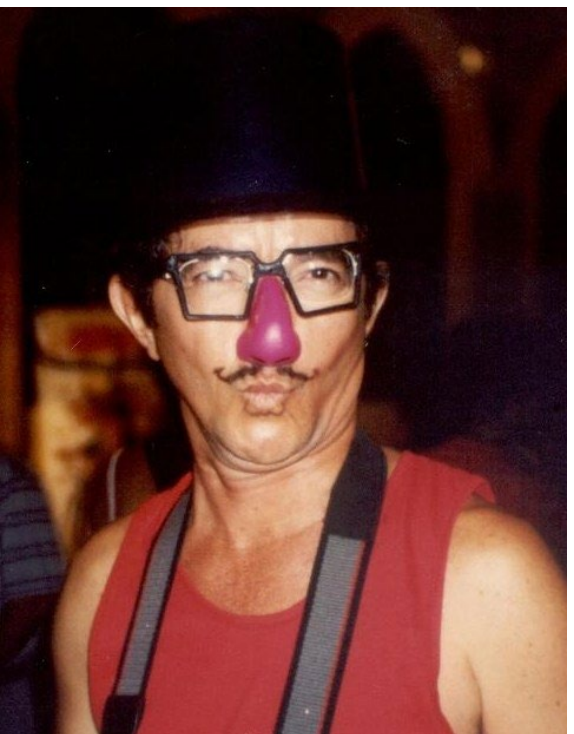
Em meados da década de 2000 a direção do bloco Cafuçu se resumia a cinco entusiastas empedernidos, que se responsabilizavam por botar o bloco na rua: Bertrand Lira, Buda Lira, Heleno Bernardo, Marcelina Moraes e Socorro Mendes. Este escriba, que foi um dos fundadores do bloco, afastou-se em 2007, mas manteve-se ligado por um tempo ao Grupo Artesanal, que dava suporte ao bloco, com a editora Marca de Fantasia, além de colaborar eventualmente com o Cafuçu.

Ao grupo que seguiu tocando as atividades da agremiação, as atribuições eram de acordo com as aptidões, ficando a estrutura do bloco e outras funções operacionais a cargo de Buda Lira, Marcelina Moraes e Heleno Bernardo. Bertrand Lira fazia a promoção junto à imprensa

e prestava assessoria às performances de Socorro Mendes como musa e personalidade emblemática do Cafuçu. Henrique Magalhães, excepcionalmente, seguiu criando algumas artes para divulgação, adereços, camisas e estandarte.

Na atualidade, Bertrand Lira é professor aposentado do Curso do Departamento de Mídias Digitais da UFPB. Dublê de fotógrafo e cineasta, tem se destacado com a direção de filmes de ficção e documentais antropológicos, premiados em vários festivais do país e internacionais.

Buda Lira, ator e produtor cultural, é funcionário aposentado pela Universidade Federal da Paraíba. Atuou e dirigiu, juntamente com Marcelina Moraes, o centro cultural Escola Piollin.



Os irmãos Bertrand e Buda Lira



Marcelina Moraes e Heleno Bernardo

Marcelina Moraes é produtora cultural, tem se dedicado à organização do Cafuçu resolvendo questões estruturais e políticas junto aos órgãos públicos.

Heleno Bernardo foi Diretor do Cine Bangüê do Espaço Cultural José Lins do Rego. É produtor cinematográfico e participou da organização do Festival Nacional de Arte, Fenart, que movimentou por anos a cultura na cidade da “Parahyba”.

Socorro Mendes foi professora de História do Ensino Médio. Representou o Cafuçu nos contatos com a imprensa, em entrevistas em programas televisivos. Promoveu a imagem do bloco favorecendo a empatia com o público. Lamentavelmente deixou o bloco ao morrer de câncer em 2018.

Henrique Magalhães é cartunista e professor aposentado do Departamento de Mídias Digitais da UFPB; cuidou desde o início da programação visual e do registro fotográfico do bloco. O atual estandarte – e definitivo – é uma criação sua, pintado e costurado à mão em 2019, com estampa caricatural do grupo.



Socorro Mendes



Henrique Magalhães

A inusitada e surpreendente transformação do bloco Cafuçu, de uma simples brincadeira entre amigos a um dos eventos mais marcantes da cultura da cidade, representa a força e a espontaneidade do povo, que sempre encontra motivo e dá um jeito de fazer a festa. Os organizadores do Cafuçu não esperavam tamanha adesão popular, não tinham essa meta, não se prepararam para responder à altura a essa participação fenomenal.

Ao analisarmos as razões para o crescimento do bloco, podemos apontar alguns fatores que contribuíram para isso. O primeiro tem a ver com o desejo reprimido do povo de brincar o carnaval. Durante o reinado de Momo, a mídia televisiva bombardeia o público com imagens de grandes festas populares em muitas cidades do país, gerando no paraibano um inconformismo por não ter algum tipo de manifestação do gênero. O povo quer brincar o carnaval, não se contenta em ver de forma distante e fria a folia efervescente mostrada na televisão.

Excetuando-se o Carnaval Tradição – de caráter contemplativo –, carnaval de rua só se teve mesmo até meados do século XX, com desfiles de carros alegóricos, que derivou no corso, chegando à década de 1970. A rigor, o corso nem chegava a ser um carnaval popular, pois não prescindia do carro para fazer seu percurso carnavalesco. Em paralelo havia o carnaval nos clubes sociais, para o conforto e o prazer da elite. O vazio causado com o fim do corso – por questões econômicas, com a crise do petróleo, mas também por causa da violência crescente –, e a

decadência dos clubes, gerou um clima de insatisfação numa juventude ansiosa por brincar o carnaval.

As opções encontradas não atendiam completamente as expectativas. Surgiram os acampamentos selvagens (sem infraestrutura) nas cidades litorâneas próximas, como Jacumã, no Conde, Lucena e Baía da Traição, onde bares e clubes temporâneos improvisavam bailes carnavalescos que mal respondiam a demanda de folia reprimida. De forma nenhuma essas saídas, que a princípio seduziram pelo charme “ripongo” (relativo ao estilo hippie “natureba” – corruptela de natural, natureza), meio aventureiro, meio telúrico de acampamento à beira-mar, preenchiam o vazio deixado pela falta de carnaval em João Pessoa. Quem, por curiosidade, ficasse na cidade, sentia um clima de abandono e desolação, uma apatia profunda que só gerava o impulso de fuga para esses arremedos de carnaval.

Desse modo justifica-se a euforia arrebatadora do bloco Muriçocas do Miramar, pivô de um movimento crescente que gerou dezenas de blocos e a construção das prévias carnavalescas da cidade. As prévias são dez dias de festa nas ruas de vários bairros, transformando a cidade num viveiro cultural repleto de alegria e criatividade. Mas ainda não é o carnaval. No período carnavalesco mesmo, a cidade cai novamente em sua letargia de balneário, na morosidade de seu caráter arraigadamente provinciano.

Outro fator que contribuiu para o êxito do Cafuçu foi o gênero de carnaval que propôs. O carnaval abarca vários tipos de manifestações, que vão dos blocos com perfis bem determinados e restritos a um número limitado de amigos e familiares – como os antigos e resistentes 25 Bichos e Piratas de Jaguaribe –, aos blocos de arrasto, onde os foliões acompanham orquestras ou carros de som fazendo um percurso

preestabelecido. Os primeiros, por ser praticados por grupos ou associações, acabam deixando o povo de fora, no mero papel de espectador. Naturalmente, esses blocos se encaixam bem na agenda do Carnaval Tradição, em que desfilam em sequência às tribos indígenas, orquestras de frevo e escolas de samba, que são outros gêneros desse “carnaval espetáculo”.

Já para os blocos de arrasto, temos duas marcantes expressões, os que são formados por troças e orquestras arrastando os foliões, que se integram livremente ao cortejo e os que são programados como um produto comercial, onde os foliões pagantes, isolados do povo por uma corda e seguranças, seguem grandes carros de som por um percurso dado. Estes dois modelos têm no carnaval de Recife/Olinda e de Salvador, respectivamente, suas grandes representações. Em algumas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, também tomam o papel de prévias carnavalesca, ou integram eventos comerciais, ao modo das micaretas – os carnavais fora de época como ainda ocorrem em Fortaleza – Fortal, e Natal – Carnatal.

As micaretas não são prévias, pois ocorrem em datas posteriores ao carnaval. Tradicionalmente, aconteciam no “sábado de Aleluia”, fechando a semana santa e rompendo o jejum de festas que a quaresma impunha. De forma incisiva, a micareta ganhou destaque em Feira de Santana, na Bahia, a partir de uma tempestade que ocorreu na cidade durante o carnaval, forçando a seu adiamento. Mas, de forma realista, foi o modo como o interior baiano reconheceu a soberania do carnaval de Salvador e buscou alternativas a uma temerária concorrência.

O modelo foi importado para Campina Grande, Paraíba, no final da década de 1980. Assim como a capital, a cidade minguava no período carnavalesco com a falência dos clubes sociais e abandono do antigo

carnaval de rua. Quem podia, saía para onde havia festa, quem não podia, amargava o tédio de ver o país fervendo por meio de pequenos monitores de TV a tubo. Coisa da época.

A primeira grande micareta fora da Bahia foi a Micarande – corruptela de “micareta” e “grande”, de Campina Grande. A fórmula era bem bolada, remediava a falta de carnaval na cidade como festa retardatária de consolação. Tanto servia para movimentar o comércio local quanto proporcionava um mercado para os ociosos cantores da “axé músic”, que fora do período momesco ficavam relegados a pequenas festas de padroeira. O impacto do evento criado pelo governo municipal em 1989 foi tão grande que virou referência e modelo para exportação. Logo pintaram micaretas em várias capitais do Nordeste e do país, bem como em grandes e médias cidades do interior.

Em João Pessoa tivemos a “Micaroa”, em Natal o “Carnatal”, “Fortal” em Fortaleza, “Gevê” em Governador Valadares, “Folianópolis” em Florianópolis, “Carnaporto” em Porto Seguro, e assim por diante, criando uma superestrutura empresarial que projetou vários grupos musicais e cantoras/es baianos, como Chiclete com Banana, Banda Eva, Cheiro de Amor, Ivete Sangalo, Daniela Mercury, Cláudia Leitte, alguns até hoje ocupam generoso espaço na mídia. Com o tempo, a repetição da fórmula e o impacto desses eventos na cultura local levaram a uma resistência cultural, que resultou na decadência do empreendimento em várias cidades, resistindo em algumas capitais como mera promoção comercial.

As prévias carnavalescas de João Pessoa, que começavam a tomar fôlego no final da década de 1980, oscilaram entre dois modelos, ora seguindo o carnaval empresarial de Salvador, ora a espontaneidade de Recife/Olinda. Contudo, a maioria dos blocos que se formavam a cada

ano procurou uma forma mista, unindo o caráter de massa do carnaval pernambucano com a estrutura sonora do carnaval de Salvador.

Um dos símbolos do carnaval baiano é o trio elétrico, que se trata de um caminhão adaptado com um grande palco sobre enormes paredes de caixas de som. Sobre o trio, uma banda toca um ritmo frenético derivado do frevo, que se denominou “axé music”. Com esse equipamento, o carnaval brasileiro ganhou definitivamente as ruas, o engenho se tornou necessário para encher de euforia a grande massa de foliões. Como todo o aparato para mover esse engenho, da construção e manutenção do trio à remuneração de bandas e cantores, que alçaram o status de pop star, se tornou cada vez mais caro, o carnaval teve que se transformar em um negócio, com empresas agendando o desfile dos grandes trios elétricos.

O complexo Recife/Olinda, que disputa a hegemonia política e cultural do Nordeste com outras capitais, viu em seu carnaval de longa tradição, que deu origem ao frevo, uma peça de resistência em benefício da massa de foliões. Em Olinda, não entra trios elétricos, não só porque seu peso e volume abalariam o casario histórico, mas como forma de marcar posição, de evidenciar a diferença ao modelo do carnaval de Salvador, que se espalha como uma virose tropical por todas as grandes cidades brasileiras.

Em Recife o carnaval evoluiu para um hibridismo cultural, juntando a tradição com elementos incontornáveis do carnaval atual. Desse modo, persevera ainda o desfile de grupos de Maracatu, mas também o resgate dos antigos blocos líricos de carnaval, que desfilam no Centro Histórico restaurado. Por outro lado, o carnaval de massa, com a participação indiscriminada da população, tem no bloco Galo da Madruga da seu momento apoteótico. Considerado o maior bloco de arrasto do

mundo (outro cacoete provinciano), com mais de um milhão de foliões, o Galo da Madrugada arrasta uma fervilhante horda, que invade todos os recantos do centro da cidade, ocupando pontes, ruas, becos e praças numa contagiante euforia.

Com uma densidade de gente praticamente incontável e incontrolável, o Galo da Madrugada não poderia prescindir do trio elétrico, que fora incorporado naturalmente, mas sem abrir mão do frevo e de outros ritmos identitários locais. Em contrapartida, por um arroubo de orgulho e resistência da cultura pernambucana, foi criada a “frevioca”: ônibus sonorizado, sem as laterais, que abriga em seu seio uma orquestra de frevo. A “frevioca” coloca a orquestra praticamente no mesmo nível do povo, criando mais interação entre os músicos e os foliões, mas não consegue fazer frente ao poder de alcance do trio elétrico, nem à “modernidade” que ele representa.

As prévias carnavalescas de João Pessoa chegaram aos primeiros anos da década de 1990 já com mais de uma dezena de blocos, que formaram a Associação Folia de Rua para dialogar com os poderes públicos em vista a garantir recursos para a realização da festa. A Associação, em resolução democrática, decidiu restringir a participação dos blocos de modelo empresarial, mantendo e estimulando a criação de blocos abertos, sem fins lucrativos e que privilegiassem o frevo como matriz cultural.

Todos os blocos da Associação Folia de Rua partiram de uma ideia original, buscando um diferencial para se destacar dos demais. Muriçocas do Miramar ganhou prestígio e reconhecimento por sua criatividade e ímpeto inaugural, mobilizando a cada ano mais foliões não só da cidade, mas de todo o estado e de outras capitais. A Turma do Bobô e o Filhos da Alegria – ambos já extintos – eram blocos formados por

núcleos familiares e amigos, mas que ganharam grandes proporções, com forte adesão do público jovem. O Bloco do Caju tem um caráter ecológico, promovendo a preservação dos cajueiros do bairro do Bessa; Imprensados reúne profissionais da imprensa e simpatizantes.

Virgens, o segundo maior bloco das prévias de João Pessoa, causa furor ao promover o travestismo eventual, envolvendo homens e mulheres adultos, jovens e crianças numa provocante quebra de paradigma comportamental; inspirados nas Virgens, surgiram As Viúvas da Torre e Virgens de Mangabeira; o Urso Gay transitou entre o humor e a irreverência, jogando com a cultura popular. Anjo Azul segura o estandarte da ocupação do Centro Histórico e prega a diversidade; As Raparigas de Chico Buarque reverencia a obra poético-musical desse baluarte da canção brasileira; Portadores da Folia dá vez à inclusão; e o Bloco da Melhor Idade resgata antigos carnavais para os eternos foliões.

Dos blocos da Folia Rua, apenas dois restaram como empresarias, o Banho de Cheiro, que não sai com frequência, e o Bloco dos Atletas. Este tem um público não muito grande, mas fiel, que prestigia a cada ano alguma atração musical importada de Salvador. É de se considerar o fato de que esses blocos não conseguiram alcançar, por exemplo, o êxito dos blocos que fazem as micaretas espalhadas pelo país, que se constroem sobre as grandes estrelas da *axé music*. Certamente a predominância dos blocos de arrasto, com sua forma espontânea, pública e não elitista contribuiu para a pouca repercussão dos blocos empresariais, que pelo regulamento da Folia de Rua devem se restringir a esses dois.

Onde fica o Cafuçu nesse contexto? Desde o início buscou-se a diferenciação priorizando a sátira popular. O Cafuçu é uma brincadeira potencializada ao máximo pela liberdade do carnaval. Fantasiar-se de cafuçu passou a ser algo jocoso e original e além de ridicularizar os ex-

cessos dos comportamentos sociais, revela algo de reprimido em cada folião. Afinal, a fantasia faz parte do olhar crítico sobre si mesmo, revirando o passado em busca de elementos caricatos.

Certamente essa característica de desnudamento sem pudor foi o que gerou a enorme empatia do bloco. Cada um que entra na brincadeira procurava fazê-lo a rigor, liberando-se das amarras do bom gosto que se persegue durante todo o ano. É, portanto, um exercício terapêutico de exorcismo dos fantasmas, de ao menos durante a folia poder brincar com suas idiossincrasias. Numa investigação apurada, percebe-se que as fantasias mais hilárias do Cafuçu nem precisam ser compradas, basta uma busca meticulosa nos armários de casa, uma mistura mais excêntrica e está lá, um primor de incongruência e *nonsense*, que fazem a graça dos foliões.



A participação popular explorando o *nonsense*

O ridículo é a marca do Cafuçu, mas ninguém se ofende em se tornar o mais ridículo que se possa parecer. Talvez haja uma confusão entre a representação do cafuçu e o conceito de brega. Muitos tangenciam o espírito do bloco criando fantasias que exacerbam à percepção do que seja cafuçu. Mas isto não é um problema para o bloco, que acolhe todas as extravagâncias como uma elaboração pessoal e criativa que soma à proposta do Cafuçu.

Os fatores determinantes para o bloco foram suas duas grandes viradas conceituais. A primeira, ao descartar o trio elétrico em favor da orquestra de frevo. A segunda foi a mudança para o Centro da cidade, contrariando a tendência de se ocupar as largas avenidas da praia. A orquestra de frevo significa proximidade, calor humano, intimidade, a retomada de um tipo de carnaval que nunca morreu no inconsciente da população, o carnaval dos frevos e das marchinhas, que se repetem como mantras por infinitos carnavais.

A orquestra de frevo desfila no chão, no meio do povo, isolada apenas por uma corda, para ser possível seu deslocamento e execução. O pequeno alcance do som sem recursos de amplificação obriga os foliões a se concentrarem no entorno da orquestra, formando uma massa compacta que gera calor e certo frenesi. Essa característica serviu para o reencan-



Não raramente a fantasia do cafuçu resvala para o grotesco

tamento de nosso carnaval, que vinha se adaptando à relação desproporcional, de certo modo fria e impessoal, dos grandes trios elétricos.

O outro ponto considerável, a mudança da folia da praia para o Centro funcionou como valorização da cidade antiga, abandonada e escura em seus becos, ladeiras, prédios históricos e comerciais. Foi a redescoberta de um magnífico Centro Histórico, imperceptível pelo olhar enviesado do dia a dia. Essa estratégia de valorização do Centro está em sintonia com a política de restauração dos sítios históricos encetada pelas esferas governamentais. Contudo, diz mais respeito ao próprio espírito do bloco, que busca a harmonização com o local adequado para a liberação de sua fantasia.



O cenário do Centro Histórico deu um charme a mais ao Cafuçu

Nada mais rico e mais cafuçu que o Centro da cidade, onde se erguem palácios, igrejas, monumentos, assim como camelódromos e os cabarés da Rua da Areia. Essa mistura realçada pela diversidade era tudo o que se poderia esperar para o Cafuçu, que penetrava no âmago de cada folião valorizando os contrastes incontornáveis da cidade. A cada ano a adesão dos foliões é surpreendente, mobilizando pessoas de todas as classes sociais, de todos os bairros da cidade, de várias cidades do estado, no movimento espontâneo de uma massa trespassada pelo mesmo espírito irreverente e brincalhão que não poderia encarnar de melhor forma o espírito do Carnaval.

Em reconhecimento do seu importante papel na promoção da cultura popular, em 2019, o Cafuçu foi contemplado coma comenda de Patrimônio Cultural Imaterial da Paraíba em lei de autoria da deputada estadual Cida Ramos (PSB), sancionada e publicada no Diário Oficial da Paraíba (Portal t5, 2019). Com a atribuição, o poder público estadual passa a ter o compromisso de realizar ampla divulgação e promoção do bem cultural e promover sua valorização. Ao menos em teoria, significa acesso mais fácil a recursos para a realização do evento, que acontece anualmente sempre na sexta-feira que antecede o carnaval (G1 PB, 2019).

Uma revisão necessária: de bloco de arrasto a festa popular

O que já vinha se esboçando há alguns anos na Praça Dom Adauto culminou com uma mudança radical do perfil do bloco Cafuçu em 2010. Há muito a capacidade de gerenciamento do bloco, em seu amorismo e falta de articulação, chegara à exaustão. O bloco cresceu demais, muito mais que o imaginado nas perspectivas mais generosas. De um pequeno bloco de amigos tornou-se um carnaval de massa, abraçado por toda a cidade. O Centro de João Pessoa se viu tomado por uma multidão incalculável, extrapolando em muito o espaço das praças. O problema que se apresentava e que não tinha como resolver era como oferecer estrutura para que todos curtissem o clima carnavalesco, com orquestras suficientes para animar os foliões.

O apelo popular do bloco certamente já apontava para esse crescimento desenfreado. Desde o início se discutia sobre as pretensões que se queria alcançar com o Cafuçu. Havia a preocupação em definir qual o tamanho ideal do bloco, com vistas à capacidade de sua organização e ao objetivo de mantê-lo com seu aspecto convivial. Ao lado da criatividade, a força do Cafuçu está na proximidade. É no Cafuçu onde os amigos se encontram, em que há uma verdadeira confraternização.

Para o cineasta Torquato Joel, os grandes blocos tendem a perder o caráter de integração das pessoas, levando a uma dispersão e isolamento, provocando involuntariamente a individualidade. A proposta do Cafuçu era manter-se como um bloco mediano, com a quantidade

de foliões suficiente para alegrar a festa, mas sem se perder numa multidão imensurável. Mas o crescimento foi inevitável, restando aos organizadores a tarefa de manter o espírito do bloco, estimulando os foliões a criar seus personagens e soltá-los na rua, como marca de identidade e diferenciação do bloco.

Em alguns anos experimentou-se armar um grande palco para a apresentação de orquestras de frevo, que seriam intercaladas com a programação da *Rádial Cafuçu* e seu repertório de páginas musicais do mais fino brega. O resultado da instalação do palco nunca foi de todo satisfatório. Algumas vezes fora armado num dos recantos da Praça Dom Adauto, o que servia para aquele canto, mas que não atingia outros locais mais afastados. Uma boa distribuição de som por toda a praça resolveria o problema, mas esses detalhes estruturais dependiam sempre do empenho e boa vontade dos órgãos públicos, que eram os que realmente bancavam a festa.

O maior problema, no entanto, era o momento do arrasto com a saída do bloco em direção à Praça Antenor Navarro, como de costume. A quantidade cada vez maior de público impunha maior número de orquestras, cujo alcance do som se restringe ao seu entorno. Houve ano em que dez orquestras saíram consecutivamente, arrastando quem estava por perto, mas a Praça Dom Adauto continuava cheia, atraindo os foliões que se encontravam nas áreas periféricas.

Não se tinha mais controle sobre a festa, que havia caído definitivamente nas graças e nos braços do povo. Estava claro que o Cafuçu não poderia mais ser feito por cinco ou seis desarticulados organizadores, que se encontravam poucas vezes no ano com o fim de planejamento do bloco. A tentativa de profissionalização por intermédio de venda de quotas de patrocínio e publicidade a empresas fracassou na incapacidade

dade de gerenciamento do grupo e aplicação de estratégia de marketing. A essa altura, ou os governos municipal e estadual tomam a festa para si, passando de patrocinadores a gestores, ou o bloco morre por seu próprio gigantismo, ao oferecer à cidade uma festa sem a estrutura que possa atender a toda a expectativa popular.

Essa proposta, contudo, não interessa a nenhuma das partes. À organização do Cafuçu não interessa abrir mão de sua história, do mérito de ter proporcionado uma manifestação tão rica e tão autêntica como talvez a cidade jamais tenha vivido. Por outro lado, a prefeitura e o estado nunca quiseram realmente se comprometer com a Associação Folia de Rua, à qual o Cafuçu está ligado, reservando a esta apenas uma infraestrutura mínima e insuficiente para manter os blocos na rua.

O jornalista Augusto Magalhães, em artigo publicado no jornal Correio da Paraíba, corrobora essa opinião: “Cabe ao Poder Público dotar a cidade de estrutura para receber essa multidão que faz João Pessoa se sentir viva e pulsar pelas ladeiras. E não se trata de um jogo político ou favor de parlamentares. Ou a cidade se prepara para receber seu povo nas ruas, ou a tendência é de que as ruas voltem ao vazio de outrora” (MAGALHÃES, 2005).

Para a prefeitura, o verdadeiro carnaval popular é o chamado Carnaval Tradição, em que agremiações de base familiar dos bairros menos favorecidos desfilam numa passarela ao modo de um sambódromo, armado todo ano na Avenida Duarte da Silveira. Participam do Carnaval Tradição escolas de samba, orquestras de frevo, tribos indígenas e troças. Sem dúvida, esse “carnaval espetáculo” – um espetáculo canhestro mantido com recursos irrisórios e humilhantes pelos poderes públicos e, principalmente, com o sacrifício de seus foliões – precisa ser incentivado e valorizado pela história que representa para nosso carnaval.

A Folia de Rua é outro movimento, é um carnaval com a participação do povo na folia, nascido como resistência ao descaso dos órgãos públicos, que não davam e não dão importância a nossa maior festa popular. Para a prefeitura, os blocos que formam as prévias carnavalescas da Folia de Rua não são mais que é uma festa particular, de grupos de intelectuais da classe média, mesmo que levem multidões indiscriminadas à rua. Se a administração de outras cidades pensasse assim, não haveria carnaval de rua e popular em Olinda, Recife e Salvador, estas cidades são seriam grandes pólos turísticos que atraem milhares de foliões para brincar o carnaval.

Com uma visão estrutural tão estreita, os governantes paraibanos, seja da esfera municipal, seja da estadual, se acomodam na espontaneidade e na precariedade das prévias da Folia de Rua como se ela bastasse e substituísse o próprio carnaval. As prévias da Folia de Rua são prévias do nada, porque é o nada – resguardando-se o Carnaval Tradição – o que se reserva aos habitantes da cidade durante o carnaval. Com orgulho, os governantes ostentam para a capital a pecha de cidade-retiro, cidade-reposo, dormitório, como opção às cidades do estado vizinho, que promovem com entusiasmo um verdadeiro carnaval.

O que já se configurava como um caos no evento do Cafuçu tornou-se um verdadeiro desatino na edição de 2010. A prefeitura resolveu concentrar toda sua ação cultural na cidade alta, abandonando de vez o Centro Histórico da cidade baixa. A Praça Antenor Navarro fora finalmente preterida como espaço de manifestação das festas populares, primeiro porque sua área pequena não comportava mais o afluxo do povo aos grandes eventos, segundo porque a prefeitura quis valorizar o novo xodó do governo municipal, o reconstruído Ponto de Cem Réis.

No lugar onde fora construído o equivocado projeto do viaduto Damásio Franca restava uma praça mal conservada e um buraco barulhento e poluente. Acertadamente a prefeitura resolveu cobrir a passagem de nível restituindo a área da praça, retomando uma vaga lembrança do antigo Ponto de Cem Réis. Um equívoco por outro, o que se tem agora é uma laje de cimento grosso sem qualquer tratamento paisagístico e ambiental, um largo estéril e pouco propício à convivência, mas que passou a abrigar as ações de massa da prefeitura. Um horroroso palco foi montado em uma de suas laterais, que de provisório, dada sua precariedade estrutural e estética, passou a ser quase permanente, para as apresentações de shows e outros eventos, como as prévias de Carnaval, o São João, o Natal e em todas as datas comemorativas do ano.

A organização do Cafuçu, entusiasmada, viu na ocupação do Ponto de Cem Réis a ampliação de seu espaço de folia já absolutamente saturado. O povo que já não cabe na Praça Dom Adauto não precisava circular a esmo nos becos transversais. Agora pode fazer uma ligação entre a Praça Dom Adauto e o Ponto de Cem Réis, numa linha reta que orienta o percurso mais parecido com o deambular de uma quermesse, sem som, sem iluminação nem decoração. O que ocorreu, no entanto, foi mais um abandono, desta vez da Praça Dom Adauto, em privilégio à nova vitrine da cidade. O Ponto de Cem Réis ganhou palco e orquestra e a Praça Dom Adauto foi relegada à míngua, sem estrutura para fazer a festa da multidão que se habituara àquele espaço.

O mais dantesco, contudo, foi a descaracterização do Cafuçu, que viu, pela contingência, seu perfil transformado de bloco de arrasto em um descaracterizado baile popular. O arrasto, que já era impossível nos anos anteriores, agora pareceu uma tentativa desesperada de resguardar o mínimo de identidade ao bloco. Mas arrasto para onde? Para os

becos escuros da cidade baixa? Sim, pois com a inauguração do Ponto de Cem Réis a prefeitura colocou uma pá de cal onde tradicionalmente ocorria o ponto final do Cafuçu, onde o bloco entregava a festa à cidade, abrindo a folia no sábado de carnaval. As poucas orquestras que tentaram arrastar os incautos foliões se depararam com esse descaso inqualificável da prefeitura, que deveria responder à vontade popular espontânea de ocupação dos espaços da cidade dando-lhe as condições adequadas à realização da festa.

O Cafuçu é um bloco em mutação permanente, como se observa em todo seu percurso, com mudança de perfil (do trio elétrico a orquestra de frevo no chão), de localização (da praia ao Centro Histórico) e de formatação (de bloco de arrasto a um tipo de baile popular). Foram muitas as dificuldades externas e internas enfrentadas pelo bloco, desde a falta de estrutura para atender à demanda cada vez maior do público, às divergências políticas e conceituais de seus organizadores.

De um grupo relativamente grande no início, o Cafuçu minguou a poucos participantes em sua estrutura organizacional. Hoje são apenas dois, que tentam fazer frente aos desafios cada vez maiores para botar o bloco na rua. A tentativa de ampliar o grupo com a renovação da equipe e o convite à participação de novos ativistas culturais não foi respondida à altura, talvez por causa do espírito da época, marcado pelo excesso de individualismo e descompromisso com as propostas gregárias. Embora o bloco aglomere dezenas de milhares de pessoas em suas manifestações e seus organizadores sejam pessoas reconhecidas e de largo trânsito na cidade, estes continuam isolados, com a carga extraordinária de realizar a festa para a massa de foliões.

Esses condicionantes são os dados postos ao Cafuçu para serem equalizados nos próximos anos: a definição dos caminhos a ser trilha-

dos pelo bloco, a profissionalização, a ampliação de sua capacidade organizacional, a relação com os poderes públicos. Aos desafios, de forma quase sempre criativa, o Cafuçu tem respondido no desenrolar de sua história, de acordo com a urgência e a intensidade com que se apresentam. Acreditamos que o mesmo continuará a acontecer, até que seus organizadores acabem, por fim, a se transformar em “bonecos”.

O que se espera é que o Cafuçu continue por muito tempo com sua forma mobilizadora e propulsora de uma alegria eufórica como há muito não se via em nosso carnaval. Seu papel cultural, não só nos festejos carnavalescos, é fundamental para manter vivos a memória e o imaginário fundados na cultura popular.



Foto aérea do Centro com o Cafuçu em 2019. Foto de divulgação

A última folia de rua

Em 2020 o mundo foi acometido por uma ameaça drástica: a pandemia da Covid-19 foi se espalhando por toda parte numa velocidade assustadora. Milhões de pessoas foram vitimadas com sequelas graves, muitas outras morreram. O ritmo da vida quase parou nas portas cerradas de casas e apartamentos. O clima angustiante de temor e de morte rondava cada recanto das ruas quase vazias. Os supermercados e farmácias - alguns dos poucos estabelecimentos que se mantiveram abertos, por necessidade - foram tomados por pessoas sorumbáticas e mascaradas, a antítese dos festivos bailes de máscaras.

As notícias, as consequências, os equívocos e acertos políticos para a superação dessa crise estão registrados nos jornais e na memória de todos os sobreviventes. Não é preciso retomar aqui o percurso desse período terrível da humanidade, que só começou a ter alívio no segundo semestre de 2022.

Como tudo o mais na vida cotidiana, o carnaval, e todas as manifestações artísticas e culturais, também tiveram seu revés, e não poderia ser diferente, tendo suas programações suspensas por medidas sanitárias. Foram dois anos sem festa, sem folia, sem Cafuçu para o desgosto da galera.

Pouco antes da pandemia, porém, o Cafuçu festejava seus 31 anos de irreverência e humor, ganhando as ruas da Parahyba na sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020. O centro histórico mais uma vez foi palco para cerca de 100 mil foliões - na estimativa dos organizadores do bloco -, animados por 14 orquestras de frevo e DJs.

Três polos de concentração do bloco integram algumas das principais praças da cidade alta, como o Ponto de Cem Réis, a Praça do

Bispo e a Praça Rio Branco. As atrações não poderiam ter nomes mais pitorescos: Orquestra Cafuçu (do bloco Cafuçu do Serrado, DF), Frevo Mania, Tambaú, Gambiarra, Picadinho, Tropicalientes, Santarritense, Frevo Mania, Caranguejo Elétrico, Capital do frevo, Frevolândia, Ritmo do Frevo, Swing do Ed, Invasores do Frevo, JP Frevos, Mestre Quimba, DJ Naza, DJ Claudinha Summer, DJ Brazinha e Brega é Você. O bloco contou com o apoio da Prefeitura de João Pessoa e das empresas Cagepa e PB Gás/Governo do Estado e Casa Tudo.

Além da concentração, houve também o “arrasto”, que habitualmente segue pelas ruas do centro da cidade a partir dos pólos de concentração: inicia na rua Visconde de Pelotas, ao lado do Ponto de Cem Réis, passando pela Praça do Bispo, seguindo em direção à Basílica de Nossa Senhora das Neves, percorrendo parte da Avenida General Osório, passando ao lado do edifício “18 Andar” e descendo pela Rua da Areia até se dispersar na Praça Antenor Navarro. A felicidade se paga em suor, como dizia o poeta Caê.

Nem só com a pandemia viveu o Cafuçu reverses irreparáveis. O tempo e as vicissitudes da vida foram tirando de campo algumas figuras simbólicas que representavam a própria identidade do bloco. Entre 2017 e 2018 o Cafuçu e os foliões assistiram consternados à partida de Corrinha Mendes, Cristovam Tadeu e Ana Costa, artistas que deram sua alegria incondicional para enriquecer a cultura popular do estado.

A Rainha do Cafuçu

Em 2017 os amigos próximos receberam com apreensão e tristeza o diagnóstico de que Corrinha Mendes apresentava um quadro de câncer na gengiva, que em seguida migrou para o pulmão. Para a infelicidade da família e de todos, Corrinha veio a falecer menos de um ano depois, em 10 de janeiro de 2018, com 63 anos de idade.

O fato ocorrido às vésperas do carnaval deixou o dilema de suspender as atividades do bloco ou levá-lo à rua, como certamente Corrinha gostaria que fosse feito. Esse ano o bloco teve um misto de tristeza e gratidão, ao prestar homenagem pela grande contribuição que a eterna “Rainha do Cafuçu” deu a cidade, com sua alegria contagiante e a expressividade carnavalesca que incorporava também em seu dia a dia. Sua presença e personalidade foram tão marcantes na cultura paraibana que se tornou símbolo não só do Cafuçu, mas tornou-se um ícone do carnaval de rua da Parahyba (G1PB, 2018).



Corrinha e sua risada: inesquecíveis!

Corrinha nasceu em Nazarezinho, Sertão da Paraíba. Mudou-se para a capital do estado ainda na juventude, formando-se em História. Foi professora das redes públicas de ensino municipal e estadual.

A irreverência de Corrinha teve destaque ao incorporar-se ao bloco Cafuçu no início dos anos 2000, ganhando o concurso para “Rainha” da agremiação. Sua risada inconfundível - que se tornou seu bordão incontornável - era uma demonstração de desprendimento. Como fazia com cada folião espalhafatoso que lhe solicitava a parceria para umas fotos, não poupava a si mesma de suas gargalhadas. A popularidade de Corrinha ficou expressa na comoção causada por sua morte, que deixou o carnaval sem parte de seu brilho (JORNAL DA PARAÍBA, 2018).

Em setembro de 2021, como ação de apoio ao meio artístico paralisado pelos efeitos da pandemia, a Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba, no âmbito da Lei Federal conhecida como “Lei Aldir Blanc”, lançou o Edital de Chamada Pública denominado “Corrinha Mendes”, com o

objetivo de seleção de propostas culturais e artísticas para apresentação, exibição, ação formativa, em formato digital, para a contratação de seus proponentes e sua divulgação em plataformas digitais disponíveis *online*, tanto de apresentações, exibições e ações formativas. Essa homenagem oficial a Corrinha corrobora sua importância no cenário cultural do estado, com que passou a contribuir mesmo na ausência.

A Rádica Cafuçu não toca sem ele

Aos 54 anos morreu em seu apartamento o ator e humorista Cristovam Tadeu. Segundo amigos e imprensa, a suspeita era de que teria sofrido uma parada cardíaca enquanto dormia. Sua filha o encontrou sem vida em 8 de abril de 2017.



Cristovam Tadeu contribuiu com sua graça para o espírito nostálgico do Cafuçu

Natural de Cajazeiras, Sertão do estado, Cristovam encontrou na capital um campo fértil para expandir sua criatividade. Ator, diretor, dramaturgo, cartunista, figura midiática por natureza, era exímio imitador de personalidades emblemáticas da cultura nacional, sendo célebres suas performances como Ariano Suassuna e Caetano Veloso. Atuou no rádio e na televisão com programas musicais e humorísticos. Chegou a participar de programas televisivos no Sudeste do país.

Cristovam também era Cafuçu. Amigo próximo dos organizadores do bloco, identificou-se com a proposta anárquica e extravagante, levando sua inventividade para acrescentar aos elementos da folia. Ficou marcante sua discotecagem com a *Rádia Cafuçu*, que simulava uma rádio de parque de diversões do interior, com leitura de bilhetes amorosos e oferecimento de músicas bregas aos casais apaixonados. Esse tom jocoso levava os foliões ao delírio, num misto de nostalgia embalada numa memória quase perdida no tempo.

A importância de Cristovam não só para o Cafuçu, mas a cultura paraibana, ficou evidenciada no tom solene e respeitoso que os governos municipal e estadual dedicaram a ele, em condolência por sua morte. A nota do governo do estado reforça: “Hoje, não provocou risos. Apenas uma profunda tristeza. Mas sua existência estará sempre guardada na memória daqueles que conviveram com ele e que, mesmo sem desfrutar de sua relação pessoal, tiveram a alegria de vê-lo em ação” (JORNAL DA PARAÍBA, 2017).



Ana Costa sutilmente fazia da vida um carnaval

Ana Costa, semeadora de folia

Ana Costa, juntamente com Adalice Costa e Kennedy Filho, estiveram presentes desde os primeiros sopros das cornetas que animaram o Cafuçu. Kennedy fez a música sobre a letra de Paulo Vieira, tornando-se o hino oficial do bloco. Kennedy era filho de Adalice Costa, que vivia chamando o povo de cafuçu, o que inspirou a criação do bloco. Adalice virou “boneca”, uma boneca gigante, nos primeiros anos do bloco, partiu deixando saudade e um espírito zombeteiro que não largou mais o pé dos foliões do bloco.

Ana Costa, irmã de Adalice, tia de Kennedy, brincou um tempo com os cafuçus e decidiu espalhar brasa em outros quadrantes. Com umas

amigas e apoio de Heriberto Coelho, o do fenomenal Sebo Cultural, criou o bloco “Raparigas de Chico”, prestando homenagem e tocando a obra do músico e poeta Chico Buarque de Hollanda.

Pessoa muito querida do meio artístico, o bom humor de Ana Costa resplandecia nas searas do Cafuçu bem como entre as Raparigas de Chico. A sutileza com que circulava e os chistes que soltava como quem não queria, fazia os amigos próximos explodirem em gargalhadas. Taí um verdadeiro espírito “cafuçu”, mas sem perder a classe.

Ana Costa morreu em 15 de setembro de 2017 depois de complicações posteriores a um AVC isquêmico (WSCOM, 2017). Foi-se a foliã, bem como a amiga querida, que nunca deixou de ser para o Cafuçu uma das figuras emblemáticas da folia.

A vida segue em frente, sempre. Apesar das perdas inevitáveis, irreparáveis, não serão evidentemente as últimas. Que se mantenha o fio da alegria para embalar muitos outros eventos criativos inspirados no Cafuçu. Que as homenagens, sempre tornando presentes as pessoas queridas, sirvam de fagulhas a disseminar o humor e a alegria.

Referências

BENJAMIN, Roberto. *O mundo pelo avesso*. In Amorim, Maria Alice; Benjamin, Roberto. *Carnaval: cortejos e improvisos*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002. Coleção Malungo, v. 5.

CARNAVAL des Cafuçus, Visa pour Le ridicule. In *Le Travailleur Catalan* n. 2933. Pyrénées-Orientales, Perpignan, France: 28 se setembro a 4 de outubro de 2001, p. 14.

COSTA, Kennedy. A boneca de Adalice. In MOURA, Fernando (org.). *Cinquenta Carnavais*. João Pessoa: Textoarte, 2010, p. 96-97.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 1.0.

G1PB. Bloco Cafuçú vira Patrimônio Cultural Imaterial da Paraíba. Em 19/11/2019. <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/11/19/bloco-cafucu-vira-patrimonio-cultural-imaterial-da-paraiba.ghtml>. Acesso em 10/12/2022.

G1PB. Morre Corrinha, ‘rainha’ do Bloco Cafuçú, aos 64 anos em João Pessoa. Em 11/01/2018. <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/morre-corrinha-rainha-do-bloco-cafucu-aos-64-anos-em-joao-pessoa.ghtml>. Acessado em 16/10/2022.

HARDOUIN Hardouin. Images d’un Brésil parallèle. *La Marseillaise*. Marseille, France: 21 septembre 2001, p. 15.

JORNAL DA PARAÍBA. Corrinha Mendes, rainha do bloco Cafuçú, morre em João Pessoa. Em 11/01/2018. <https://jornaldaparaiba.com>.

br/cultura/2018/01/11/rainha-bloco-cafucu-corrinha-mendes-morre-em-joao-pessoa. Acessado em 23/08/2022.

JORNAL DA PARAÍBA. Humorista Cristovam Tadeu morre aos 54 anos em João Pessoa. Em 08/04/2017. https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida_urbana/2017/04/08/humorista-cristovam-tadeu-morre-aos-54-anos-em-joao-pessoa. Acessado em 24/08/2022.

LEAL, Wills. *No tempo do lança-perfume*. 2ed. revista e ampliada. João Pessoa: edição do autor, 2000.

LIRA, Buda. Não tem preço! In MOURA, Fernando. In Moura, Fernando (org.). *Cinquenta Carnavais*. João Pessoa: Textoarte, 2010, p. 52-54.

MAGALHÃES, Augusto. Abra o olho, Cafuçu! In *Correio da Paraíba*. Paraíba: 9 de fevereiro de 2005, p. C-3.

MAGALHÃES, Henrique. *Rendez-vous*. Coleção Das tiras coração n. 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, março de 1995. 2ed. 2005.

MOURA, Fernando. *Fevereiro*. In MOURA, Fernando (org.). *Cinquenta Carnavais*. João Pessoa: Textoarte, 2010, p. 11-32.

OLIVEIRA, Jô. *Corrinha Mendes, rainha hors-concours do Cafuçu*: muita história e folia para contar. In <http://www.wscm.com.br/diversao/noticia/diversao-noticias/CORRINHA+MENDES+RAINHA+HORSCONCOURS+DO-1590>, 11/12/10.

PANACEA n. 34. Osasco, SP: março/abril de 1994, p. 34-37.

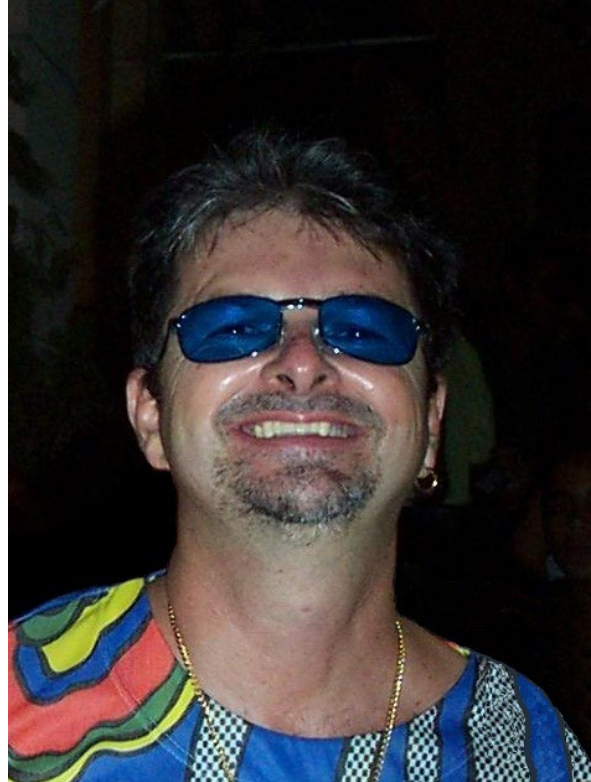
PORTALT5. Bloco Cafuçu é reconhecido Patrimônio Cultural Imaterial da PB. <https://www.portalt5.com.br/noticias/paraiba/2019/11/270509-bloco-cafucu-e-reconhecido-patrimonio-cultural-imaterial-da-pb>. Acesso em 10/12/2022.

SARINHO, Osvaldo Travassos. Eu também sou... In MOURA, Fernando (org.). *Cinquenta Carnavais*. João Pessoa: Textoarte, 2010, p. 114-115.

TAJTELBOM, Jack. Le Carnaval des Cafuços. *Photographe Amateur Magazine* n. 8. Montreuil, France: décembre 2001-fevrier 2002, p. 42-45.

VIEIRA, Paulo. O Carnaval dos Cafuços. In Programa da exposição fotográfica *Le Carnaval des Cafuços*. Perpignan: 1 à 15 sept. 2001; Marseille, France: 18 à 30 sept. 2001, Festival Off, Le Hors-là.

WSCOM. Morre em J.Pessoa, fundadora do “Raparigas de Chico”; sepultamento será hoje. Em 15/09/2017. <https://wsc.com.br/morre-em-j-pessoa-fundadora-do-raparigas-de-chico-sepultamento-sera-hoje/>. Acessado em 24/08/2022.



Henrique Magalhães

É Professor aposentado do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba. Fez Mestrado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Doutorado em Sociologia na Université Paris 7.

É autor da personagem de quadrinhos “Maria” desde 1975. Em 1995 criou e dirige a editora Marca de Fantasia, que publica revistas e álbuns de histórias em quadrinhos, bem como livros sobre quadrinhos, artes visuais, linguística e cultura pop. É autor do livro *O que é fanzine?*, pela editora Brasiliense. Pela Marca de Fantasia lançou, entre outros, *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, *A mutação arrebatadora dos fanzines* e *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*.

Folião inveterado, foi um dos criadores do Cafuçu e da Comadre Florzinha, que são trincheiras de alegria no carnaval da Paraíba.

Apêndice

Bem na foto

Pela riqueza visual do bloco, revelando a incrível criatividade dos foliões, não poderia faltar uma seção de fotos, formando um álbum de retratos que não representa mais que uma pequena amostra da infinita expressão dos aficionados pelo Cafuçu. As fotos foram tiradas por este autor em vários anos, algumas no furor da concentração e do arrasto do bloco, outras no Baile do Cafuçu ou no Santo Antônio do Cafuçu. Todas imbuídas com a graça e a alegria que caracterizam os foliões.





































www.marcadefantasia.com